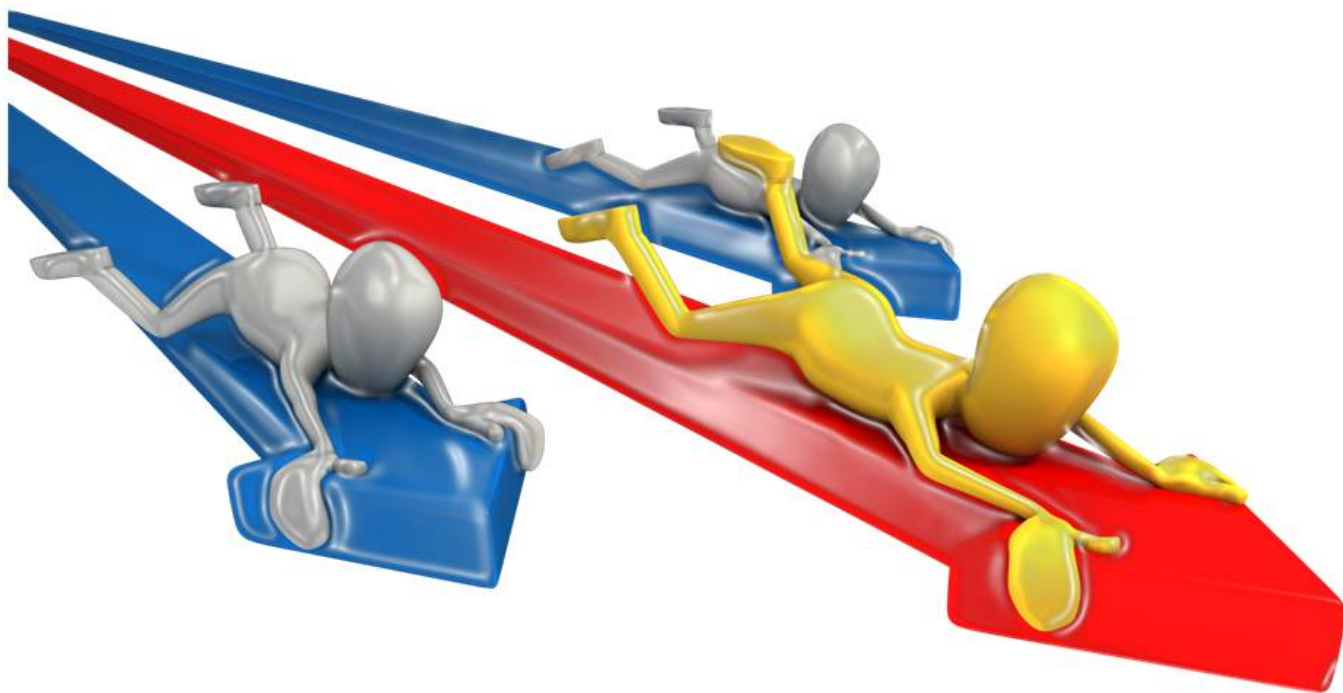




Grupo de Jovens Enfermeiros

***SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS
ENFERMEIROS EM PORTUGAL
2011***





SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS ENFERMEIROS EM PORTUGAL - 2011

Título:	Situação Profissional dos Jovens Enfermeiros em Portugal
Autores:	Raul Fernandes (Coordenador), Beto Martins, Bruno Maurício, Daniela Matos, Dulce Ferreira, Luís Afonso, Márcia Gouveia, Maria José Goulart, Paulo Dias, Pedro Melo, Pedro Silva e Tânia Morgado
Edição:	Ordem dos Enfermeiros - 2011
Grafismo e revisão:	Grupo de Jovens Enfermeiros e Gabinete de Comunicação e Imagem
Fotografias:	Arquivo da Ordem dos Enfermeiros
ISBN:	978-989-8444-08-0



«Hoje, quero sentar-me ao vosso lado e trazer-vos esperança, pois no dia em que a Ordem deixar de se sentar ao lado dos seus jovens membros para lhes dar a mão no início do seu desenvolvimento profissional, nesse dia a Ordem abandonou o futuro da profissão.

Hoje quero trazer-vos esperança na profissão que abraçam, na beleza que ela esconde, no potencial que ela alberga.

Hoje trago-vos esperança em vós, mesmo quando o futuro se esconde por detrás de um nevoeiro cerrado e a crise parece abraçar tudo à sua volta.

Mesmo quando o nosso sistema de saúde teima em não reconhecer as nossas competências, o nosso conhecimento académico, mas fundamentalmente o valor acrescentado do nosso trabalho.

Hoje quero tornar nossos os vossos desafios, nossos os vossos projectos e nossas as vossas ambições, ao mesmo tempo que torno nossos os vossos medos, receios e angústias.

Hoje quero dizer-vos que a Ordem está sentada ao vosso lado, no mesmo barco, com o mesmo destino e a puxar pelo mesmo objectivo – melhores cuidados de enfermagem.»

Excerto do discurso da Digníssima Bastonária da Ordem dos Enfermeiros,
Enf.^a Maria Augusta Sousa nas Cerimónias de Vinculação 2010



SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS ENFERMEIROS EM PORTUGAL - 2011



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
METODOLOGIA	8
RESULTADOS	9
- Dados gerais	9
- Acesso ao emprego	13
- Caracterização da situação profissional	19
- Estágios profissionais	34
- Percepções dos jovens enfermeiros	38
CONCLUSÃO	40
ÍNDICE DE TABELAS	42
ÍNDICE DE GRÁFICOS	43



INTRODUÇÃO

Alicerçado no desígnio fundamental da Ordem dos Enfermeiros (OE), «promover a defesa da qualidade dos cuidados de enfermagem prestados à população, bem como o desenvolvimento, a regulamentação e o controlo do exercício da profissão de enfermeiro (...)» (art.º 3.º Estatuto da OE), e com o intuito de envolver os jovens enfermeiros na dinâmica da OE, foi criado no mandato 2008-2011 um grupo de trabalho, denominado de Rede de Jovens Enfermeiros. Esta Rede é constituída por vários elementos das diferentes secções regionais por se pretender um projecto nacional e consistente.

No âmbito desta Rede, iniciou-se na OE a monitorização da situação socioprofissional dos jovens enfermeiros que se tem revelado um instrumento útil de avaliação do processo de acesso ao emprego dos recém-licenciados em Enfermagem.

Esta avaliação surgiu da necessidade de clarificar dados e visões sobre o acesso ao emprego e situação profissional, objectivando as dificuldades sentidas pelos jovens enfermeiros. Esta análise visa dar resposta a um dos objectivos específicos definidos pela Rede no seu plano de acção: *«Identificar preocupações e necessidades dos estudantes e jovens enfermeiros».*

O documento que se apresenta representa a 3.ª edição deste instrumento, sucedendo aos estudos editados em 2009 e em 2010. Cada um dos estudos é dirigido aos enfermeiros inscritos na OE nos três anos anteriores à data do estudo.

Importa referir que a definição de jovem, na literatura internacional relacionada, não é concordante. Neste sentido, a utilização do termo «jovem» neste estudo deverá ser interpretado na vertente da experiência profissional, medida através do número de anos de inscrição na OE.

O presente documento encontra-se organizado em três grandes capítulos, correspondendo à Metodologia, Resultados e Conclusão.

O capítulo referente à *«Metodologia»* apresenta a forma como foi recolhida a informação junto dos jovens enfermeiros.

No capítulo *«Resultados»* são apresentados os dados gerais, em conjunto com os dados das cinco Secções Regionais da OE e a comparação com os resultados dos estudos anteriores (2009 e 2010).

Este documento é a 3.ª edição, sucedendo aos estudos editados em 2009 e 2010



Opta-se neste documento por realizar uma análise aprofundada comparando os três estudos, permitindo obter dados de evolução dos fenómenos em estudo.

Este capítulo será dividido em cinco subcapítulos, a saber: «*Dados gerais*» – estão incluídos os dados de caracterização da amostra, nomeadamente o ano de fim de curso e o distrito de escola de formação; «*Acesso ao emprego*» – inclui informação sobre os distritos que empregam recém-licenciados, o tempo que medeia o fim do curso e início do exercício profissional e as condições exigidas pelas entidades empregadoras; «*Caracterização da situação profissional*» – inclui dados de empregabilidade, o fenómeno de emigração; a análise da empregabilidade por distrito de formação, o tipo de contratos, número de locais de exercício simultâneo e o número de horas de trabalho semanal; «*Estágios profissionais*» – estão incluídos os aspectos inerentes à caracterização deste fenómeno; e por fim a *Percepções dos jovens enfermeiros* – que inclui a análise da expressão desta vontade pelos jovens enfermeiros.

Na «*Conclusão*» apresentam-se os aspectos centrais do estudo deste ano, identificando as áreas que melhor caracterizam a situação socioprofissional dos jovens enfermeiros inscritos na OE.

A análise sistemática do modo com os jovens enfermeiros se integram na profissão, aliado à crescente adesão destes a este estudo, reforça os dados encontrados e a coerência do instrumento.



METODOLOGIA

O presente estudo teve como população alvo os enfermeiros inscritos na Ordem dos Enfermeiros entre 1 de Janeiro de 2008 a 31 de Dezembro de 2010, com endereço de *e-mail* inserido na base de dados desta estrutura. Nesta situação encontravam-se 10 089 enfermeiros.

Como pode ser identificado na Tabela 1 (página seguinte) o número real de enfermeiros registados na OE durante os anos de 2008, 2009 e 2010 é superior ao valor referido acima (total 11 349 enfermeiros). Contudo, para cálculo da população considera-se apenas os enfermeiros que tinham endereço de *e-mail* na base de dados da OE e inscritos no período já referido.

O questionário utilizado na colheita de dados foi o mesmo da edição do estudo de 2010, que já se encontrava validado por um grupo de peritos. Este foi construído com perguntas de resposta fechada e semiaberta / resposta rápida. A resposta dada a algumas questões apresentava ou ocultava questões seguintes – como exemplo: um enfermeiro que assinalasse não ter actividade profissional não visualizaria a pergunta sobre o tipo de contrato de trabalho ou qual o horário laboral que cumpria.

A recolha de dados decorreu entre 4 e 20 de Julho de 2011.

Para a recolha de dados, resultante da implementação deste questionário, foi utilizado um novo *software*, criado para a OE e alojado no servidor deste organismo. Este programa permitiu o envio de uma mensagem electrónica a todos os enfermeiros da população alvo.

Como política de segurança e de modo a impedir o surgimento de respostas repetidas, cada mensagem enviada continha uma senha pessoal de acesso ao questionário, que permitia apenas um preenchimento.

No dia 4 de Julho de 2011 foram enviadas aos enfermeiros mensagens electrónicas com o questionário, solicitando resposta até ao dia 20 de Julho.

No capítulo seguinte analisa-se a resposta dada pelos enfermeiros inquiridos.



RESULTADOS

Em cumprimento da atribuição legal consagrada nos seus Estatutos (ver art.º 3º da Lei 111/2009) a Ordem dos Enfermeiros guarda registo de todos os enfermeiros com direito de exercício da profissão em Portugal, e regista o número de enfermeiros que se inscrevem anualmente neste organismo.

A análise destes dados desde o ano 2006 até final de 2010 permite calcular que o número médio de inscritos por ano é de 3757 enfermeiros, tendo atingindo os valores mais elevados em 2007 e 2010 e o mais baixo em 2006. É a Secção Regional do Norte que tem maior número de inscrições anuais, seguindo-se a Secção Regional do Sul.

Os dados da tabela que se segue servem de apoio à análise que se fará dos resultados apresentados nos subcapítulos seguintes.

Inscrições reais na OE entre 01 de Janeiro 2006 e 31 de Dezembro de 2010					
SECÇÃO REGIONAL (SR)	2006	2007	2008	2009	2010
Açores	91	85	86	91	92
Centro	755	751	749	822	798
Madeira	92	82	105	84	96
Norte	1392	1704	1685	1616	1550
Sul	1275	1210	1140	1146	1289
TOTAL	3605	3832	3765	3759	3825

Tabela 1 – Inscrições na Ordem dos Enfermeiros entre 1/1/2006 e 31/12/2010, por Secção Regional.

Dados gerais

Responderam a este estudo 1.379 enfermeiros e foram registadas 838 notificações informando erro ou impossibilidade de entrega das mensagens electrónicas. Este número de notificações de erro pode justificar-se pela volatilidade dos endereços electrónicos, correspondendo a endereços errados ou abandonados, em especial aqueles que se encontravam alojados em servidores de Escolas de Enfermagem / Saúde que, findo o curso, deixaram de ser utilizados pelos jovens enfermeiros.

*Responderam
ao estudo
1.379
enfermeiros.*



SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS ENFERMEIROS EM PORTUGAL - 2011

A taxa de resposta ao questionário ronda os 15%. De notar que, para o cálculo da taxa de resposta, foi utilizado o número de enfermeiros com endereço electrónico na OE e subtraído o número de notificações de impossibilidade na entrega.

A taxa de resposta ronda os 15%.

O maior grupo de enfermeiros encontra-se entre os 23 e os 25 anos, com 69,37% da amostra, sendo a moda para esta amostra 24 anos. A distribuição pela idade dos enfermeiros neste estudo está apresentada na tabela seguinte.

	<i>SR Norte</i>	<i>SR Centro</i>	<i>SR Sul</i>	<i>SR RA Madeira</i>	<i>SR RA Açores</i>	<i>Total</i>
Sem resposta	2	3	3	0	0	8
< ou = 20 anos	0	0	0	0	0	0
21 anos	0	0	0	0	0	0
22 anos	59	29	38	5	7	138
23 anos	134	76	94	7	8	319
24 anos	156	80	115	8	16	375
25 anos	100	46	94	6	9	255
26 anos	34	26	36	7	2	105
27 anos	24	18	17	3	1	63
28 anos	9	9	5	0	2	25
29 anos	6	3	7	1	0	17
> ou = 30 anos	23	19	26	2	2	72
Total	547	311	435	39	47	1379

Tabela 2 – Distribuição de resposta pela idade dos enfermeiros e por Secção Regional (SR).

No que concerne à adesão a este estudo verifica-se um predomínio de respostas na SR do Norte (547), correspondendo a 39,67% das respostas. Seguida da SR do Sul (435) e a SR do Centro (311) com 31,54% e 22,55% respectivamente.

As Regiões Autónomas, em termos absolutos, tiveram uma participação reduzida no estudo. Estes valores reduzidos na frequência de participação explicam-se pelo número de graduados anual ser inferior ao número de graduados das Secções Regionais do Continente. Contudo, considerando o número de enfermeiros inscritos na OE desde 2008 a 2010 por SR (ver Tabela 1), a percentagem de jovens enfermeiros das Regiões Autónomas que participaram no estudo é superior às percentagens de participação das SR de Portugal Continental – (SR Norte - 11,3%; SR Centro - 13,1%; SR Sul - 12,1%, SR Madeira - 13,7% e na SR Açores - 17,4%).

A distribuição da amostra por sexo identifica 81,8% de respostas de elementos do sexo feminino. A tabela que se segue permite analisar a distribuição das respostas por sexo e por Secção Regional.



	SR Norte	SR Centro	SR Sul	SR RA Madeira	SR RA Açores	Total	Total %
Masculino	118	49	72	8	4	251	18,20%
Feminino	429	262	363	31	43	1128	81,80%
Total	547	311	435	39	47	1379	-
Total %	39,67%	22,55%	31,54%	2,83%	3,41%	-	100%

Tabela 3 – Distribuição de resposta pelo sexo dos enfermeiros e por Secção Regional.

A nacionalidade dos participantes é, praticamente na sua totalidade, portuguesa. Apenas 24 enfermeiros afirmam ter outra nacionalidade: francesa (12 enfermeiros), suíça (6), espanhola (3), canadiana (2) e inglesa (1).

A distribuição pelos três anos possíveis de graduação (2008, 2009, e 2010), considerando a população alvo do corrente estudo, teve maior frequência e percentagem para o ano de 2010, correspondendo a 46% das respostas. Os resultados encontrados são semelhantes aos estudos anteriores, ou seja são os enfermeiros formados há menos tempo que mais participam nesta monitorização.

O estudo envolveu apenas enfermeiros formados em 2008, 2009 e 2010.

Calculando os valores constantes na tabela 1 (inscritos reais na OE), com os valores do Gráfico 1 (participantes por ano de formação), obtém-se as percentagens de participação em cada ano de formação. Assim, em 2008 temos uma participação no estudo de 7,8% dos enfermeiros inscritos nesse ano. Em 2009, identifica-se uma participação no estudo de 12,18% dos enfermeiros inscritos nesse ano. E, em 2010, a participação no estudo de 16,39% dos enfermeiros inscritos nesse ano. De relembrar que estes valores são aproximados por defeito, visto a nossa população ser ligeiramente inferior ao número real de enfermeiros inscritos, conforme explicado no capítulo anterior.

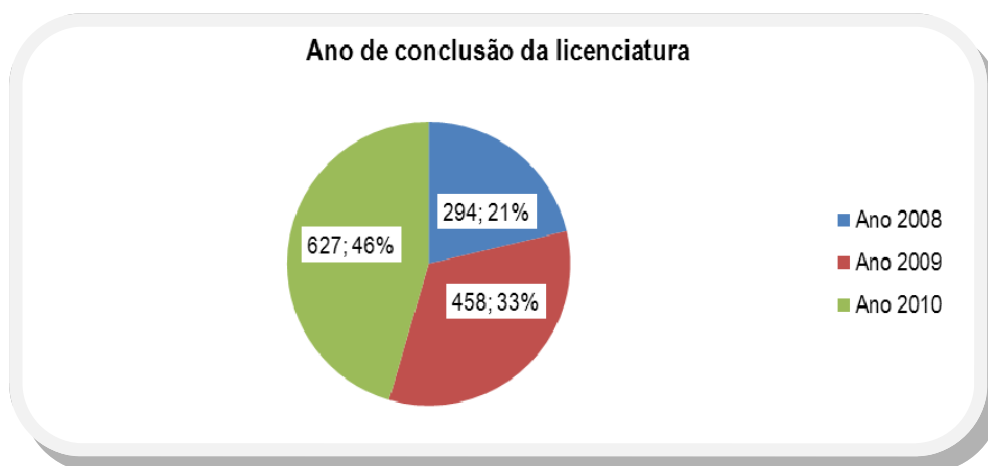


Gráfico 1 – Distribuição, em frequência e percentagem, pelo ano de conclusão do curso de Enfermagem.



SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS ENFERMEIROS EM PORTUGAL - 2011

Houve um aumento de participação de 88,9% entre o estudo deste ano e a primeira edição deste instrumento (2009).

A evolução da participação nos estudos tem sido crescente. Há um aumento do número de participantes desde o primeiro estudo e em qualquer um dos anos de formação considerados. A exceção surge apenas em relação dos enfermeiros formados no ano 2008 que reduziram a sua participação do estudo de 2009 para o estudo de 2010 – de 340 para 285 participantes, recuperando ligeiramente no estudo de 2011 (294).

O número de participantes do estudo deste ano representou um aumento de 45,62% em relação ao estudo do ano passado e de 88,90% em relação ao estudo de 2009.

A percentagem em falta no total do estudo de 2009 (5,7% - ver Tabela 4) corresponde aos enfermeiros que não responderam à pergunta sobre o ano de formação. Nos estudos seguintes, a utilização de instrumentos informáticos impediu a possibilidade de preenchimento incompleto da maioria das questões.

Anos de formação	Estudo 2009		Estudo 2010		Estudo 2011	
	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem	Frequência	Percentagem
2006	164	22,5%				
2007	187	25,6%	258	27,3%		
2008	340	46,6%	285	30,2%	294	21,32%
2009			402	42,5%	458	33,21%
2010					627	45,47%
Total	730	94,7%	947	100%	1379	100%

Nota: Cada estudo inquiriu os enfermeiros formados nos 3 anos anteriores à data do estudo.

Tabela 4 – Distribuição da frequência e percentagem de participantes nos 3 estudos já realizados.

São os distritos de Lisboa e Porto que apresentam maior representação de enfermeiros que responderam ao estudo, correspondendo, em conjunto, a 36,55% da amostra. Seguem-se os distritos de Braga e Coimbra, com uma percentagem conjunta de 15,45%. Estes 4 distritos de formação correspondem a mais de metade da amostra (52%).

Os distritos de Viseu, Bragança e a Região Autónoma dos Açores formaram 14,43% dos enfermeiros que responderam ao estudo.

Houve seis enfermeiros formados no estrangeiro, o que significa que o País continua a receber enfermeiros, embora em percentagens residuais. Mais à frente identificam-se as dificuldades que os enfermeiros formados fora de Portugal enfrentam no acesso ao emprego. Ver tabela 5.



<i>Distrito Escola de Formação</i>	<i>Total</i>	<i>Total em percentagem</i>
<i>Porto</i>	<i>255</i>	<i>18,49</i>
<i>Lisboa</i>	<i>249</i>	<i>18,06</i>
<i>Braga</i>	<i>110</i>	<i>7,98</i>
<i>Coimbra</i>	<i>103</i>	<i>7,47</i>
<i>Viseu</i>	<i>86</i>	<i>6,24</i>
<i>Bragança</i>	<i>64</i>	<i>4,64</i>
<i>RA Açores</i>	<i>49</i>	<i>3,55</i>
<i>Leiria</i>	<i>47</i>	<i>3,41</i>
<i>Aveiro</i>	<i>46</i>	<i>3,34</i>
<i>Santarém</i>	<i>44</i>	<i>3,19</i>
<i>Viana do Castelo</i>	<i>43</i>	<i>3,12</i>
<i>Setúbal</i>	<i>40</i>	<i>2,90</i>
<i>Faro</i>	<i>36</i>	<i>2,61</i>
<i>Portalegre</i>	<i>36</i>	<i>2,61</i>
<i>Vila Real</i>	<i>34</i>	<i>2,47</i>
<i>Évora</i>	<i>29</i>	<i>2,10</i>
<i>Guarda</i>	<i>29</i>	<i>2,10</i>
<i>RA Madeira</i>	<i>29</i>	<i>2,10</i>
<i>Beja</i>	<i>24</i>	<i>1,74</i>
<i>Castelo Branco</i>	<i>20</i>	<i>1,45</i>
<i>Fora de Portugal</i>	<i>6</i>	<i>0,44</i>
<i>Total</i>	<i>1379</i>	<i>100,00</i>

Tabela 5 – Frequência e percentagem por distrito onde está situada a escola de formação.

Acesso ao emprego

A entrada no mercado de trabalho dos jovens enfermeiros inscritos nas cinco secções regionais da Ordem dos Enfermeiros é merecedora de um olhar atento. Quando se aborda o acesso ao emprego pelos jovens, existem vários factores que importa analisar. O desenvolvimento dos meios de comunicação e informação, a globalização da produção, a abertura das economias e as constantes transformações que afectam o ambiente das organizações, fazem emergir novas variáveis de análise. Uma delas é o local onde os profissionais encontram o seu primeiro emprego.

Os dados do gráfico seguinte revelam que 30,2% dos enfermeiros que responderam ao questionário, encontraram o primeiro emprego no distrito de Lisboa. A segunda região que absorve maior percentagem de recém-licenciados é o distrito do Porto (12,5%). Este predomínio de Lisboa e Porto pode ser justificado pela maior oferta de entidades prestadoras de cuidados de saúde nestes distritos em comparação com os restantes.

O distrito de Lisboa recebe 30,2% dos recém licenciados. A maior percentagem do País.



SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS ENFERMEIROS EM PORTUGAL - 2011

O terceiro local mais referido onde os enfermeiros encontraram o seu primeiro emprego foi o estrangeiro (9,6%), com uma frequência e percentagem muito próxima dos enfermeiros que encontraram o primeiro emprego no distrito do Porto.

O estrangeiro dá o primeiro emprego a 9,6% dos jovens enfermeiros portugueses, só sendo ultrapassado por Lisboa e Porto.

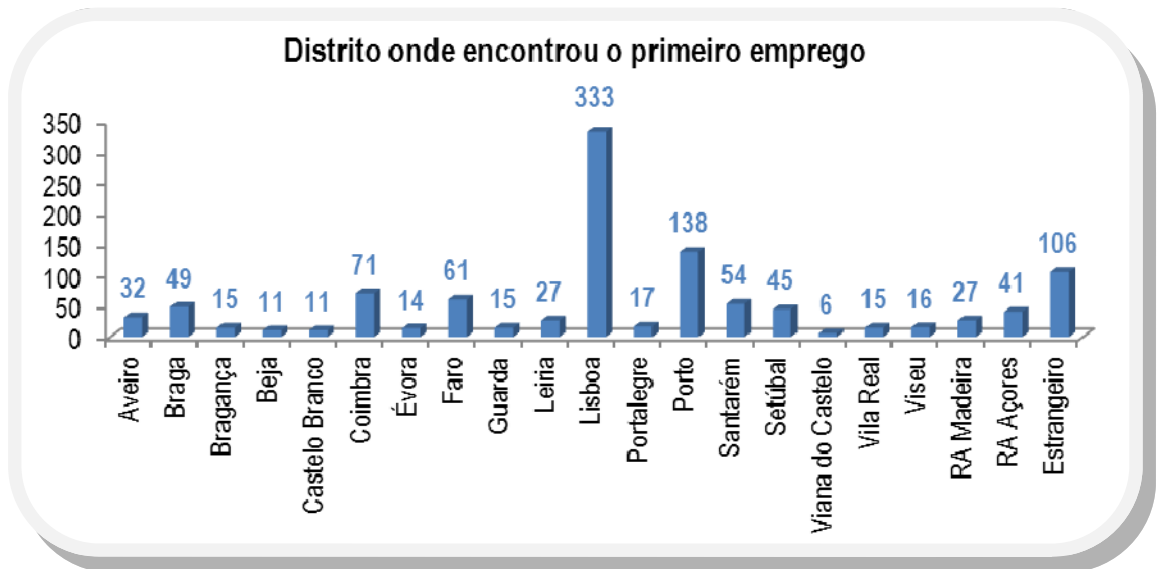


Gráfico 2 – Distribuição pelo Distrito / Região onde encontrou o primeiro emprego.

Em comparação com o estudo do ano anterior (2010), pode constatar-se que o peso percentual de enfermeiros que encontraram o primeiro emprego no distrito de Lisboa aumentou de forma considerável (23,9% em 2010; 30,2% em 2011), o que traduz o potencial de empregabilidade que se concentra no distrito onde se encontra a capital do País.

O distrito do Porto continua a ser o segundo maior distrito de absorção de enfermeiros, mas reduziu quase para metade a sua capacidade de absorção. Em 2010 integrava 21,4% de recém-licenciados, em 2011 reduziu para 12,5%.

Por sua vez, em 2010 a percentagem de enfermeiros que encontraram o seu primeiro emprego no estrangeiro (13%) foi superior ao encontrado em 2011 (9,6%), o que traduz uma ligeira diminuição percentual daqueles que não conseguiram ingressar no mercado de trabalho português. Pode observar-se ainda que em 2011, comparativamente com 2010, houve quatro distritos que reduziram a capacidade de absorção na comparação nacional. Foram eles: Porto, Viana do Castelo, Viseu e a R.A. da Madeira. Todos os restantes aumentaram a percentagem de enfermeiros que encontram o primeiro emprego nos respectivos distritos (ver Gráfico 3).

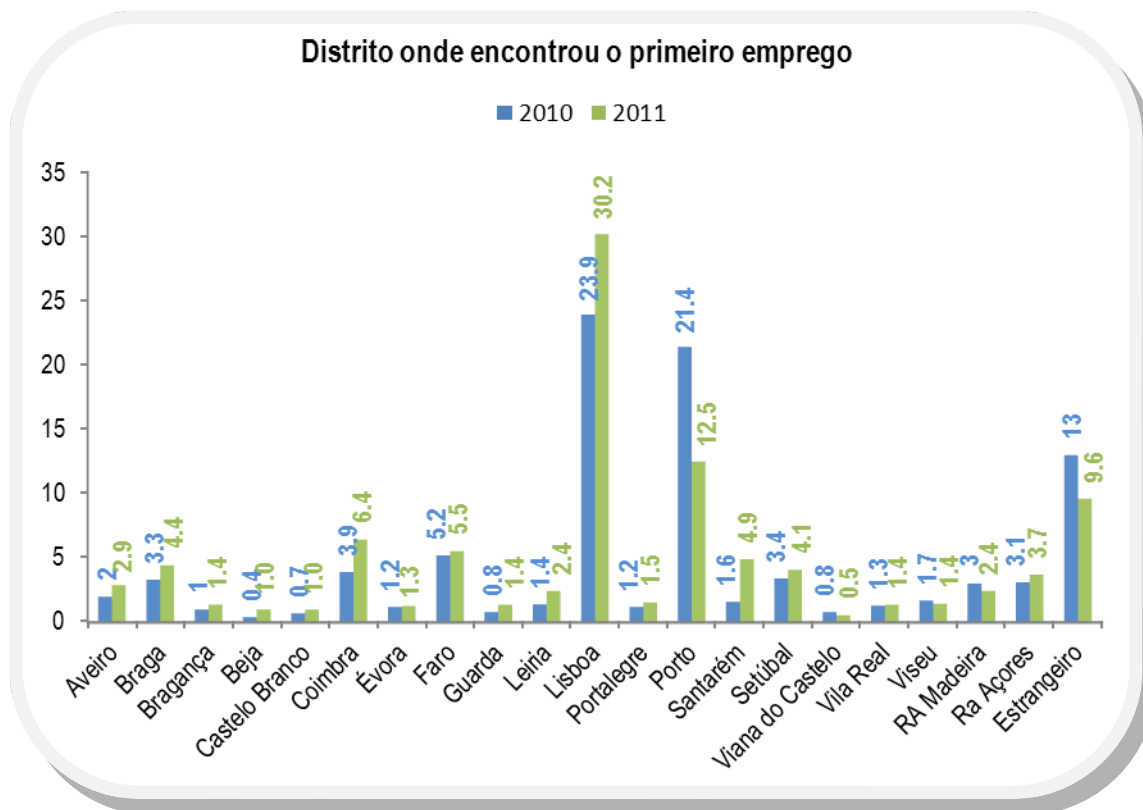


Gráfico 3 – Distribuição por Distrito / Região onde encontrou o primeiro emprego – comparação do estudo de 2010 com o estudo de 2011.

A análise do tempo decorrido entre o fim do curso e o início da prática profissional efectiva para os enfermeiros que já exercem a profissão, revela que 44% encontrou o seu primeiro emprego nos 3 meses seguintes ao *terminus* do curso de Enfermagem. Passada a barreira dos três meses, 28% dos respondentes esperam até aos seis meses para iniciar a actividade laboral. Ou seja, considerando apenas os enfermeiros com emprego, cerca de 72% encontraram o seu primeiro emprego nos 6 meses seguintes ao fim do curso. Entre os seis meses e os dois anos encontram-se aproximadamente 28% dos respondentes. De realçar que 6 enfermeiros (0,54%) aguardaram mais de dois anos para encontrar o seu primeiro emprego.

Dos enfermeiros empregados 44% dos enfermeiros encontraram emprego 3 meses após terminarem o curso.

Estes valores devem ser analisados em conjunto com a falta de emprego dos jovens enfermeiros, analisado mais à frente. O número de enfermeiros formados em 2008 e 2009 e que à data da colheita de dados (Julho de 2011) se mantinha sem actividade profissional em Enfermagem (8,84% e 10,92% - ver Tabela 6) aguarda há mais de 2 anos (para os formados em 2009) e há mais de 3 anos (para os formados em 2008) para aceder ao exercício profissional.



SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS ENFERMEIROS EM PORTUGAL - 2011

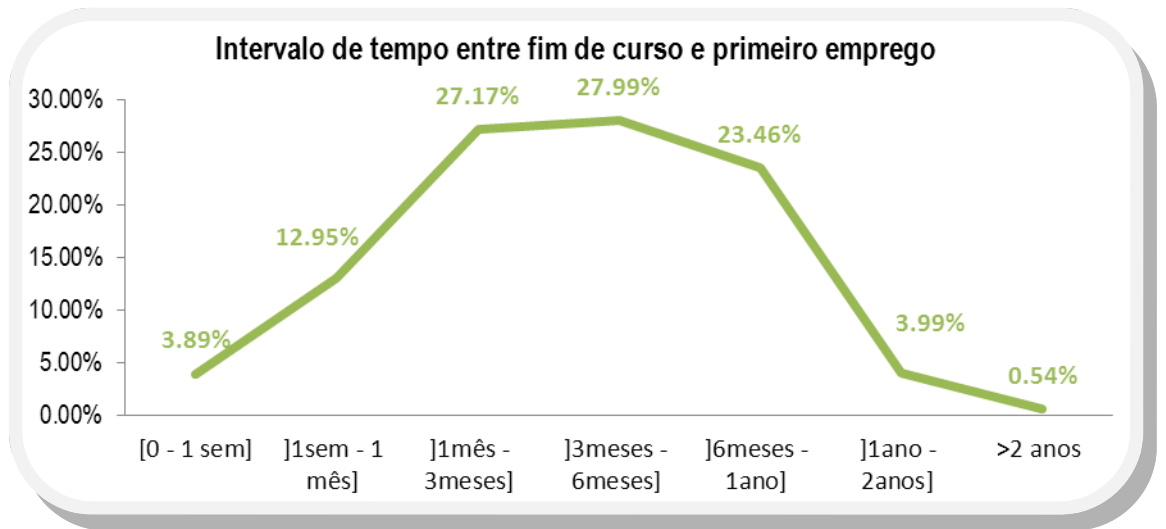


Gráfico 4 – Percentagem de enfermeiros pelo tempo decorrente entre o fim do curso e o acesso ao primeiro emprego

É no Norte que os enfermeiros esperam mais tempo para encontrar o primeiro emprego.

Ao analisar o período de tempo que decorre entre o fim do curso de Enfermagem e o acesso ao exercício profissional por secção regional (SR), pode constatar-se que nas Secções Regionais do Centro, Sul e Açores, a maior percentagem de jovens encontra emprego entre um a três meses após o fim do curso.

Por sua vez, nas Secções Regionais do Norte e da Madeira o período entre seis meses a um ano é o que tem maior pontuação percentual de espera no acesso ao primeiro emprego.

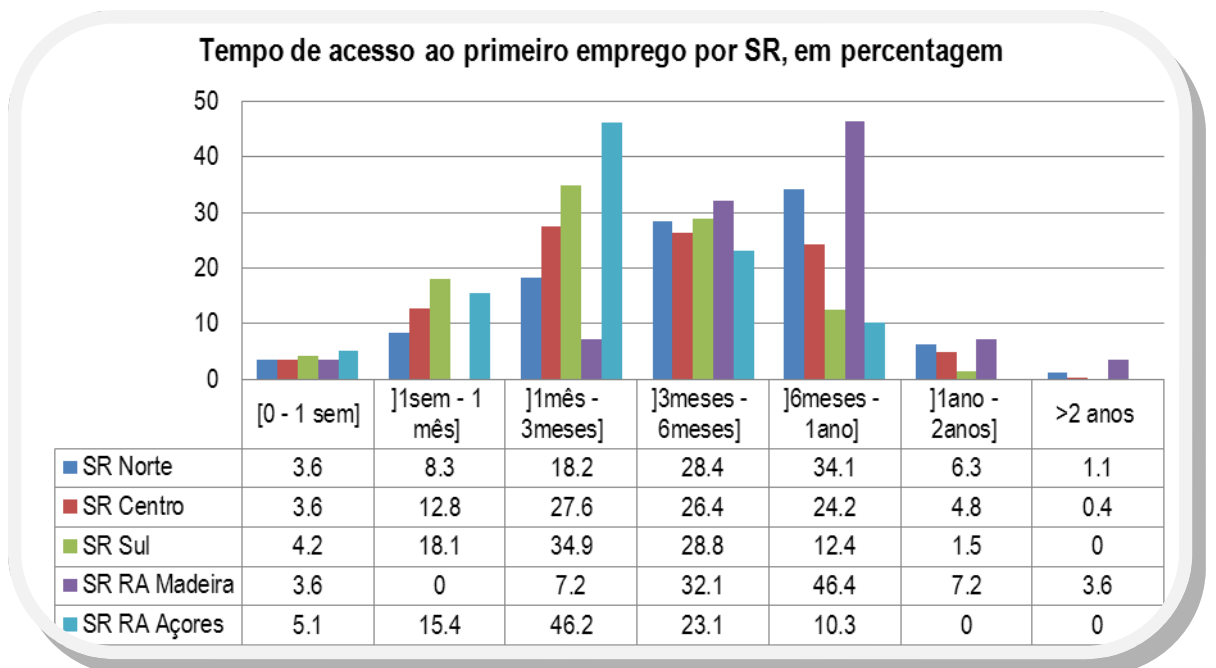


Gráfico 5 – Percentagem de enfermeiros pelo tempo decorrente entre o fim do curso e o acesso ao primeiro emprego, por Secção Regional.



A comparação dos três últimos estudos revela que a moda para o tempo de espera para acesso ao primeiro emprego aumentou. Enquanto no estudo de 2009 a categoria de tempo mais frequente era entre um a três meses (29,7%), nos estudos de 2010 e 2011 a moda encontra-se entre três a seis meses (29,1% em 2010 e 28% em 2011).

Por sua vez, nos dois últimos estudos a percentagem de enfermeiros que esperou entre seis meses a um ano para o primeiro emprego aumentou, comparativamente com o primeiro ano em que o estudo foi realizado (13,6% em 2009, 24,1% em 2010 e 23,5% em 2011).

A percentagem de enfermeiros que encontrou o primeiro emprego entre um a dois anos após o fim do curso tem aumentado de forma consistente – 2,1% em 2009; 3% em 2010; e 4% em 2011.

No estudo do presente ano, foram identificados 6 enfermeiros que aguardam há mais de dois anos para poderem iniciar a sua actividade profissional, confirmando a tendência de alargamento dos intervalos de tempo sem exercício. Nesta última categoria e à semelhança da categoria anterior, tem se mantido constante o aumento da percentagem de enfermeiros que a integram. Contudo, o aumento da percentagem de enfermeiros sem actividade (ver Tabela 6 e seguintes) deve ser considerado nesta análise, visto corresponder ao agravamento dos tempos de espera, ainda que não possa ser contabilizado de imediato.

O tempo de espera para acesso ao primeiro emprego tem aumentado, quando comparados os três estudos.

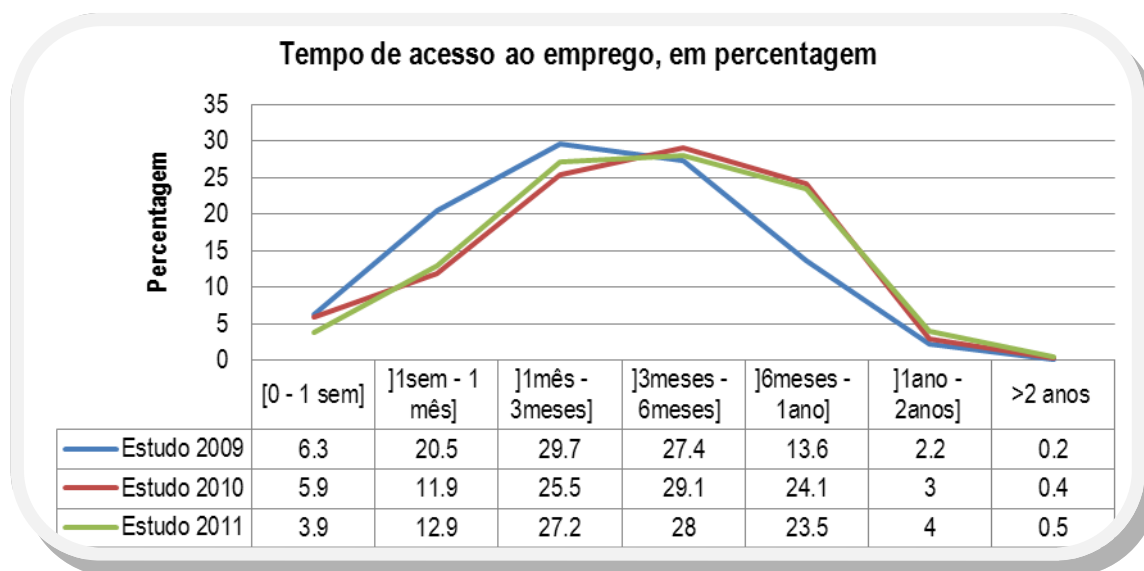


Gráfico 6 – Distribuição, em percentagem, de enfermeiros pelo tempo decorrente entre o fim do curso e o acesso ao primeiro emprego – comparação entre os estudos de 2009; 2010 e 2011



As instituições de saúde escolhem os enfermeiros pela experiência profissional, pela residência do enfermeiro e pela realização de ensinos clínicos dentro da instituição.

O processo de acesso ao mercado de trabalho pelos enfermeiros recém-formados revela-se complexo. É conhecida (ver estudos anteriores) a opção das instituições de saúde de estipularem critérios na escolha dos enfermeiros, condicionando o acesso ao emprego. Importa saber que critérios são escolhidos e de que modo estes permitem avaliar as competências dos enfermeiros.

No gráfico seguinte pode constatar-se que perto de metade (49,24%) dos enfermeiros afirma que nunca lhes foi exigida qualquer condição além das previstas nos procedimentos administrativos para acesso ao emprego. Contudo, os restantes enfermeiros identificaram 867 situações onde estas condições foram colocadas. Destas, 440 (28,5%) referem-se à exigência de experiência profissional em Enfermagem.

A segunda condição mais mencionada é ter residência ou naturalidade na região de influência da instituição. Na terceira posição deste *ranking* encontra-se a exigência de ter realizado ensino clínico na instituição à qual o enfermeiro se candidata.

Alguns enfermeiros referem a existência de entidades empregadoras que diferenciam os candidatos pela Universidade ou Escola onde estes se formaram nas candidaturas a emprego. A realização de estágios profissionais é também uma condição de acesso imposta a alguns enfermeiros, pelas instituições de saúde.

Pode verificar-se que, ao longo dos anos, é cada vez mais expressiva a percentagem de enfermeiros a quem as entidades empregadoras impõem critérios de escolha para acesso ao emprego. Em comparação com os estudos dos anos anteriores constata-se um aumento progressivo de enfermeiros que identificam esta situação, desde os 47% no estudo de 2009, para os 48,5% no estudo de 2010, ultrapassando a barreira de metade da amostra no estudo do corrente ano – 50,76%.

Na análise por secção verifica-se que é na Secção Regional do Norte que há maior percentagem de enfermeiros (59,6%) sujeitos a estes critérios para acesso à profissão. Por sua vez, as Secções Regionais das Regiões Autónomas são os locais onde este fenómeno foi menos referido – apenas 8,51% para os Açores e 25,54% para a Madeira.

A Secção Regional (SR) do Norte é seguida pela SR de Centro (56,59%) e pela SR do Sul (42,3%) na identificação destes critérios pelos enfermeiros.

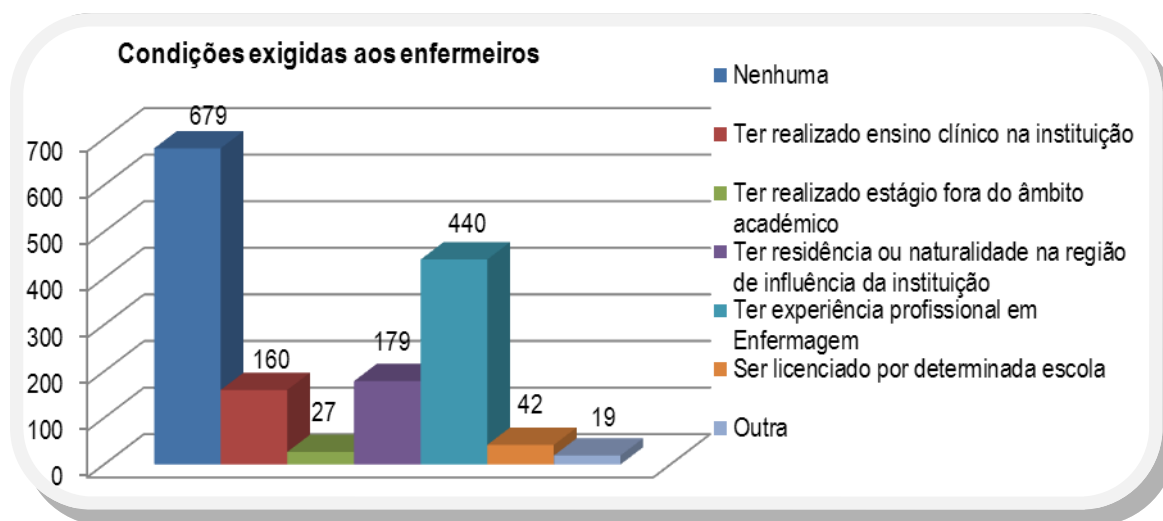


Gráfico 7 – Distribuição da frequência de respostas sobre as condições exigidas aos enfermeiros para o acesso à profissão, além das requeridas por lei. Nota: Os participantes podiam escolher mais do que uma opção.

A necessidade de ter carro e/ou carta de condução (6 respostas); ter conhecimento de alguém na instituição (4), trabalhar sem remuneração (3); ter conhecimento de línguas (3); saber cozinhar ou limpar (2); e possuir empréstimo bancário e ter filhos (1) são critérios impostos por algumas entidades empregadoras e que fazem parte da categoria «Outras».

Caracterização da situação profissional

Entre os 1.379 enfermeiros que constituem a amostra, 80,1% está a exercer a profissão, 15% não está a exercer e 4,9% está a exercer outra profissão. Se for tido em consideração que 7,7% dos inquiridos estão a exercer fora de Portugal, obtemos uma percentagem de 72,4% de enfermeiros em exercício profissional no Sistema de Saúde Português (ver explicação aprofundada na Tabela 8).

A análise centrada apenas nos dados recolhidos no estudo deste ano identifica que a maioria dos enfermeiros formados em 2008 e 2009 já estão a exercer a profissão – 91,16% e 89,08%, respectivamente. Neste contexto, são os enfermeiros formados em 2010 que dão corpo ao número de enfermeiros sem actividade, sendo que apenas 68,26% estão a exercer a profissão à data do estudo.

Há 19,9% de enfermeiros que não exercem a profissão, sendo que alguns deles estão empregados noutras profissões.



SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS ENFERMEIROS EM PORTUGAL - 2011

31,74% dos enfermeiros formados em 2010 ainda se encontravam sem emprego à data do estudo.

Sem exercício da profissão encontram-se 31,74% de enfermeiros formados no ano de 2010. Este valor corresponde à soma da percentagem de enfermeiros sem actividade com a percentagem de enfermeiros a exercer outra profissão (ver Tabela 6). Para os enfermeiros formados em 2008 e 2009, identificam-se respectivamente 8,84% e 10,92% de enfermeiros nesta situação. A tabela seguinte representa os valores completos.

Situação profissional por ano de formação	2008	2009	2010	Total 3 anos
A exercer como enfermeiro	91,16% (268)	89,08% (408)	68,26% (428)	80,06% (1104)
Sem actividade	6,46% (19)	7,86% (36)	24,24% (152)	15,01% (207)
A exercer outra profissão	2,38% (7)	3,06% (14)	7,5% (47)	4,93% (68)
Total	294	458	627	1379

Tabela 6 – Distribuição, em percentagem e frequência, de respostas sobre a situação profissional por ano de formação – dados estudo 2011.

Estes valores para a distribuição da situação profissional são coincidentes com a distribuição encontrada nos estudos anteriores. Quer isto dizer que o ano de formação mais recente considerado em cada estudo representa sempre o maior número de enfermeiros participantes e o maior número de enfermeiros que relatam não ter qualquer actividade em Enfermagem.

No estudo de 2009, em que o ano de formação mais recente era 2008, a taxa de enfermeiros sem actividade era de 49%. O estudo de 2011 revela que a maioria dos enfermeiros formados naquele ano (2008) já foi integrada no mercado, embora ainda se mantenham sem actividade 8,84%. Este valor significa que estes enfermeiros aguardam há cerca de 3 anos pelo acesso ao emprego.

Por sua vez o estudo de 2010, cujo o último ano de formação considerado era 2009, identificou 29% de enfermeiros que não exerciam a profissão. O estudo de 2011, permite identificar que a percentagem de enfermeiros formados em 2009 que se mantém sem exercício da profissão está agora nos 10,92%.

Os enfermeiros formados em 2010, identificados pela primeira vez no estudo deste ano, apresentam 31,74% de enfermeiros que não exercem a profissão.



Empregabilidade no último ano de cada estudo	Estudo 2009	Estudo 2010	Estudo 2011
Ano de formação mais recente analisado por estudo	2008	2009	2010
Percentagem de enfermeiros sem exercício profissional	49%	29%	31,74%

Tabela 7 – Distribuição da percentagem de enfermeiros sem exercício profissional de enfermagem pelo último ano analisado em cada estudo.

Ao comparar os estudos elaborados em 2009 e 2010 percebe-se que existe uma ligeira tendência no sentido da fixação de jovens enfermeiros no Sistema de Saúde Português. Isto representa um aumento de 67,5% para 72,36% de enfermeiros a exercer a profissão em Portugal.

O Gráfico 8 e Tabela 8 apresentam um conjunto relevante de informação que importa analisar separadamente. Assim:

A percentagem de jovens enfermeiros a exercer a profissão poderá estar a estabilizar à volta dos 80%. Isto inclui os enfermeiros que exercem dentro e fora de Portugal.

A percentagem de enfermeiros sem qualquer actividade profissional (em Enfermagem ou outra) aumentou ligeiramente do estudo de 2010 para o estudo do corrente ano. Apesar disso, os dados apontam para um ligeiro aumento na absorção de enfermeiros pelo nosso sistema de saúde. Isto pode ser justificado por uma possível diminuição da percentagem de enfermeiros a exercer fora do País.

A alteração do mês de colheita de dados entre o estudo de 2009 (realizado em Janeiro) e os dois estudos seguintes (realizados em Julho) pode ter originado uma sobrevalorização do indicador «enfermeiros sem actividade» no estudo de 2009. Esta alteração metodológica alarga em 6 meses o período entre o fim do curso e a colheita de dados. O tempo que o mercado de trabalho demora a absorver os recém-licenciados justifica esta diferença. Objectivando, a percentagem de enfermeiros sem actividade reduziu 8,27% entre o estudo de 2009 e o estudo de 2010; seguindo-se a subida referida no parágrafo anterior de 1,28% entre os estudos de 2010 e 2011.

De realçar que o progressivo incremento na dimensão da amostra entre os estudos de 2009 e 2011 (de 730 para 1379), enquanto a dimensão do universo estudado se tem mantido estável, pode ter aproximado os valores da realidade.

Há 72,36% de jovens enfermeiros a exercer em Portugal.



SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS ENFERMEIROS EM PORTUGAL - 2011



Gráfico 8 – Evolução da situação profissional entre os estudos de 2009, 2010 e 2011.

Qual a sua situação profissional?	Estudo 2009	Estudo 2010	Estudo 2011
A exercer como Enfermeiro	73%	81,10%	80,06%
Sem actividade	22%	13,73%	15,01%
A exercer outra actividade	5%	4,96%	4,93%
A exercer fora do país	5,50% (40)	10,40% (98)	7,70% (106)
Enfermeiros a exercer a profissão no sistema de saúde português	67,50%	70,70%	72,4%
Total da Amostra	730	945	1379

4,93% dos jovens enfermeiros estão a exercer outra profissão e 15,01% estão sem qualquer actividade.

Tabela 8 – Comparação entre os estudos de 2009, 2010 e 2011 da situação profissional dos participantes.

A percentagem de enfermeiros a exercer outra profissão mantém-se estável à volta dos 5%. À semelhança dos estudos anteriores, questionou-se os inquiridos (68 no estudo de 2011) que indicaram exercer outra profissão sobre os motivos que levaram a essa decisão. A principal razão relatada foi a «falta de emprego em Enfermagem». O gráfico seguinte agrupa as respostas obtidas (nesta questão era possível mais do que uma resposta por participante).



Licenciados que exercem outra profissão: Motivo

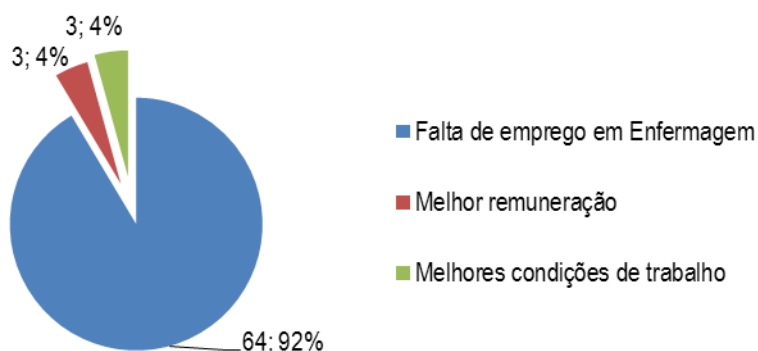


Gráfico 9 – Demonstrativo da frequência e percentagem de respostas sobre os motivos pelos quais os enfermeiros exercem outra profissão.

70% dos enfermeiros sem emprego nunca tiveram uma proposta de trabalho em Enfermagem.

Questionaram-se os enfermeiros sem actividade e os que se encontram a exercer outra profissão, se teriam, em alguma ocasião, recebido uma proposta de emprego. A maioria dos enfermeiros não teve qualquer proposta de emprego (70%). Por sua vez, 23% já receberam uma proposta e aceitaram mas estão actualmente desempregados; e 7% receberam propostas mas não aceitaram.

Sem actividade: já teve alguma oferta de trabalho?

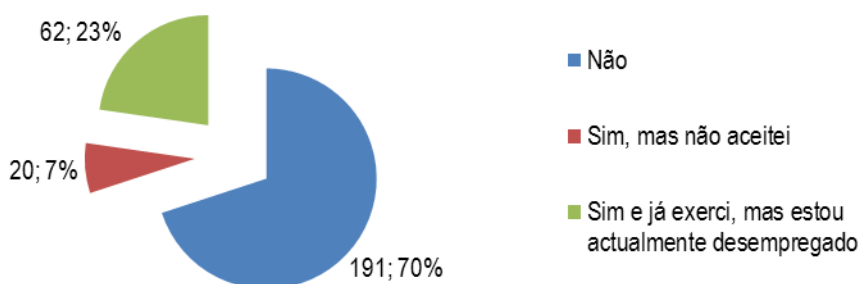


Gráfico 10 – Demonstrativo em frequência e percentagem das respostas à pergunta «Já teve alguma oferta de trabalho» colocada aos enfermeiros sem actividade profissional.

Existe um pequeno grupo de enfermeiros que responderam que já tiveram propostas mas que não as aceitaram. Quando indagados sobre os motivos que os levaram a recusar referiram que a baixa remuneração foi o principal motivo.

Ver gráfico na página seguinte. Nota: os participantes poderiam escolher mais do que uma opção.

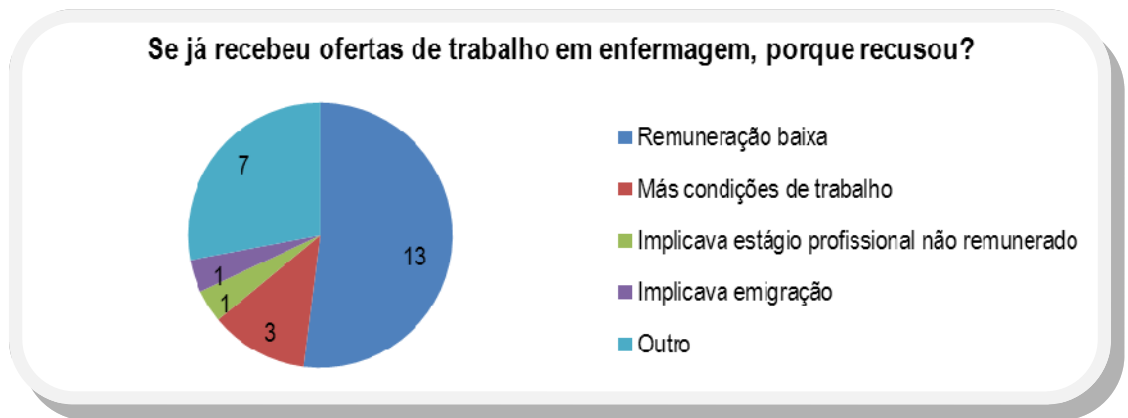


Gráfico 11 – Demonstrativo, em frequência, do motivo para recusar as ofertas de trabalho propostas aos enfermeiros sem actividade profissional, que responderam não as terem aceiteadas.

Emigração de jovens enfermeiros portugueses

Estima-se que cerca de 873 enfermeiros formados entre 2008 e 2010 tenham saído do País para exercer a profissão.

A emigração de jovens enfermeiros é um factor importante na construção de uma imagem real e objectiva do nível de aproveitamento dos recursos humanos em Portugal. O aumento do número de enfermeiros emigrantes, demonstra que a emigração tem sido uma solução encontrada para os problemas de empregabilidade que assolam os jovens enfermeiros.

Extrapolámos os 7,7% de enfermeiros que afirmam trabalhar fora de Portugal no estudo de 2011, para o número real de enfermeiros inscritos na OE nos anos estudados – 2008, 2009 e 2010. Assim, considerando um número total de 11349 (ver Tabela 1) pode estimar-se que 873 enfermeiros inscritos nestes 3 anos estejam a trabalhar no estrangeiro.

O gráfico que a seguir se apresenta ilustra a situação profissional dos enfermeiros abrangidos por este estudo, para cada um dos indicadores, identificando ainda os destinos de exercício profissional fora de Portugal.

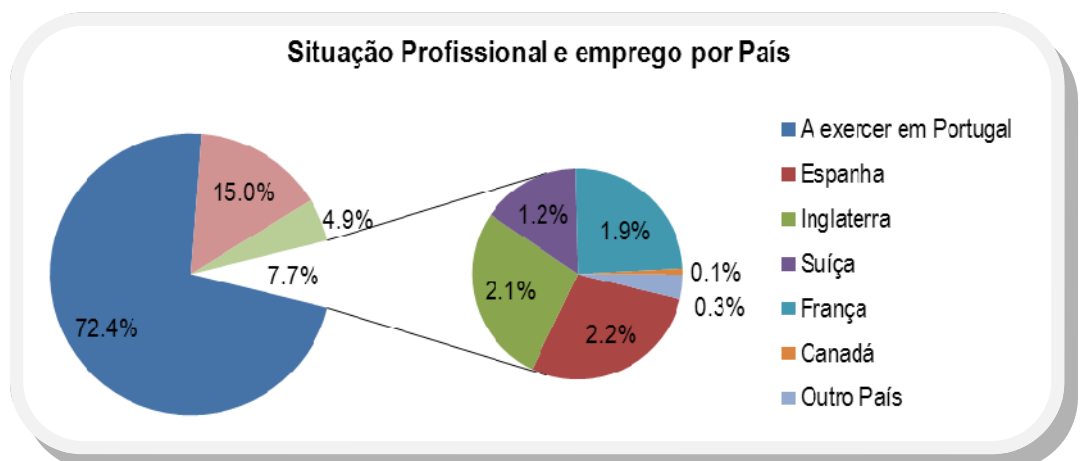


Gráfico 12 – Distribuição em percentagem da resposta sobre a situação profissional e país de exercício.



Como se pode verificar na tabela seguinte, houve um aumento constante do número de enfermeiros a procurar emprego fora de Portugal. Em termos percentuais, há um aumento significativo (praticamente o dobro) entre o estudo de 2009 e 2010. Por sua vez, identifica-se uma redução de 2,7 pontos percentuais entre os estudos de 2010 e de 2011. Apesar deste decréscimo percentual, a frequência absoluta é superior. Não é claro se esta redução percentual pode dever-se a um ajustamento aos valores reais considerando o aumento do tamanho da amostra e conseqüente aumento da representatividade do estudo.

Enfermeiros a exercer fora de Portugal	Estudo 2009	Estudo 2010	Estudo 2011
Frequência	40	98	106
Percentagem	5,5%	10,4%	7,7%
Total da Amostra	730	945	1379

Tabela 9 – Distribuição da frequência e percentagem de enfermeiros a exercer no estrangeiro, nos estudos de 2009; 2010 e 2011.

No que respeita aos países de destino, a Espanha mantém-se como principal destino migratório. Contudo, identifica-se uma perda de peso percentual e numérico face a países como Inglaterra e França, ambos com tendências crescentes. Começam a emergir destinos fora da Europa, embora de forma residual, como é o caso de Angola.

Cinco países mais procurados			
Estudo 2010	Frequência	Estudo 2011	Frequência
Espanha	47	Espanha	30
Inglaterra	15	Inglaterra	29
Suíça	13	França	26
Irlanda	4	Suíça	16
França	3	Angola	2
Outros	16	Outros	3
Total	98	Total	106

Espanha é o principal destino de emigração.

Tabela 10 – Distribuição de enfermeiros a exercer no estrangeiro, pelos cinco países mais procurados pelos participantes no estudo. Comparação entre o estudo de 2010 e o de 2011.



Análise geográfica da falta de emprego em Enfermagem

À semelhança de estudos anteriores, o fenómeno da falta de emprego atinge de modo mais significativo o Norte, estando 59% dos enfermeiros que não exercem a profissão inscritos nesta Secção. Contudo, verificou-se uma diminuição em relação ao estudo anterior (71%), resultado do aumento da percentagem de enfermeiros sem actividade em Enfermagem nas restantes Secções Regionais.

A SR do Centro mantém estável (entre 21 e 22%) a sua contribuição para a percentagem de enfermeiros sem exercício em Enfermagem no total nacional. Por sua vez, a SR do Sul duplicou a percentagem de enfermeiros nestas condições relativamente ao total nacional – de 5% para 12% entre o estudo de 2010 e o estudo corrente.

Considerando o número reduzido de participantes das Secções Regionais das Regiões Autónomas não é possível nem fidedigno comparar os dados no enquadramento nacional, sendo analisado mais à frente os valores por Secção.

A tabela seguinte apresenta os valores referidos. Importa esclarecer que o número de enfermeiros que não exerce a profissão resulta da soma entre a percentagem de enfermeiros sem actividade e a percentagem de enfermeiros a exercer outra actividade.

É na Secção Regional do Norte que a falta de emprego é mais frequente.

<i>Percentagem de enfermeiros que não exerce Enfermagem no total nacional</i>						
	SR Norte	SR Centro	SR Sul	SR RA Açores	SR RA Madeira	Total
Estudo 2010	71%	21%	5%	2%	1%	100%
Estudo 2011	59%	22%	12%	3%	4%	100%

Tabela 11 – Percentagem de enfermeiros que não exercem Enfermagem por SR e por estudo (comparação estudo 2010 e 2011).

A análise da percentagem de enfermeiros por situação profissional no total das regiões revela valores importantes quando comparados com valores de estudos anteriores. No estudo de 2010 foi referido que «as regiões autónomas e o Sul do País são as zonas onde a percentagem de enfermeiros que não exercem a profissão é menor, correspondendo, em conjunto, apenas a 8%



do total de enfermeiros nesta situação em Portugal». O estudo 2011 apresenta uma taxa de jovens enfermeiros que não exercem a profissão que se aproxima ou ultrapassa os 20% em cada uma das Regiões Autónomas, onde a empregabilidade surge pela primeira vez como um problema.

Nas Regiões Autónomas, identificam-se percentagens de enfermeiros a exercer a profissão, semelhantes aos valores do continente, nomeadamente:

- A Região Autónoma dos Açores tem 83% de enfermeiros em exercício e 17% sem actividade em Enfermagem – valores semelhantes à SR do Centro;
- A Região Autónoma da Madeira tem 71,8% de enfermeiros a exercer a profissão e 28,2% sem actividade profissional em Enfermagem – valores semelhantes à SR do Norte.

Na análise das taxas de empregabilidade por Secção Regional (Tabela 12), verifica-se que as dificuldades no acesso à profissão passaram a ser um fenómeno transversal aos inscritos em quase todas as secções regionais.

A diminuição da empregabilidade dos jovens enfermeiros que tinha começado no Norte do País está agora a alastrar as restantes regiões. É de realçar que a SR Sul, apesar de ter aumentado a percentagem de enfermeiros sem actividade, mantém-se longe dos valores das restantes regiões (92,6% enfermeiros a exercer), tornando-se na zona do país com maior absorção de jovens enfermeiros pelo mercado.

A diminuição da empregabilidade que tinha começado no Norte do País está agora a alastrar as restantes regiões.

	SR Norte	SR Centro	SR Sul	SR RA Madeira	SR RA Açores
Enfermeiros a exercer	384 (70,2%)	250 (80,4%)	403 (92,6%)	28 (71,8%)	39 (83%)
Enfermeiros sem actividade	130 (23,8%)	42 (13,5%)	19 (4,4%)	9 (23,1%)	7 (14,9%)
Enfermeiros a exercer outra profissão	33 (6%)	19 (6,1%)	13 (3%)	2 (5,13%)	1 (2,1%)
Amostra Total do estudo	547 (100%)	311 (100%)	435 (100%)	39 (100%)	47 (100%)

Tabela 12 – Análise por Secção Regional (SR) da frequência e percentagem de enfermeiros pela situação profissional.



SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS ENFERMEIROS EM PORTUGAL - 2011

A SR do Sul tem a percentagem mais elevada de emprego

O gráfico seguinte apresenta a percentagem de enfermeiros a exercer a profissão em cada Secção Regional e inclui o valor de empregabilidade nacional (80,06%) representado pela linha laranja. Esta ilustração permite perceber que cerca de 80% dos enfermeiros formados em Portugal nos últimos três anos estão a exercer Enfermagem, conforme referido anteriormente. Os restantes estão a exercer outras profissões ou estão sem actividade.

A comparação com o valor nacional permite identificar a posição de cada Secção neste tópico. Assim, verifica-se que a SR do Sul está acima da média de empregabilidade, ao passo que a SR do Norte e da Madeira se encontram a baixo deste valor. São aliás estas as Secções com valores mais baixos de enfermeiros a exercer a profissão. As SR do Centro e dos Açores encontram-se muito perto da média nacional.

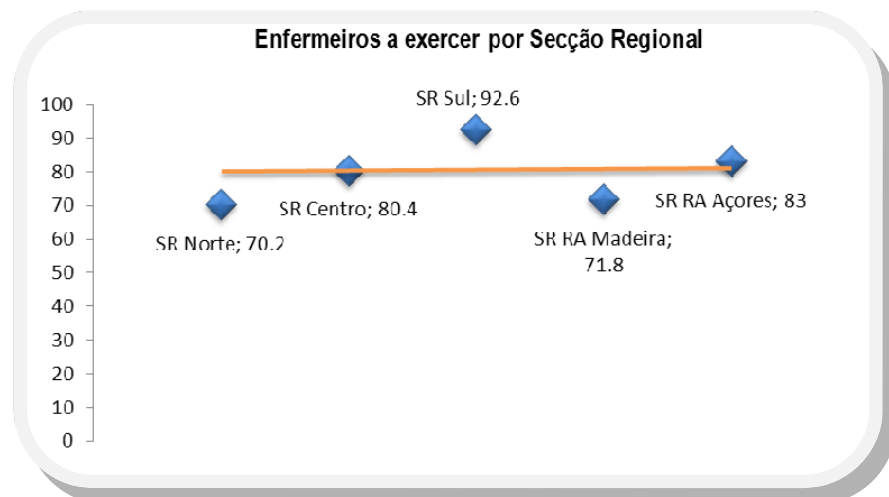


Gráfico 13 – Distribuição, em percentagem do total regional, dos enfermeiros que exercem a profissão, comparativamente com o valor nacional.

Análise da situação profissional por distrito da escola de formação

A análise cruzada da situação profissional com o distrito onde está situada a escola de formação não foi realizada nos estudos de 2009 e 2010. Contudo, entende-se poder trazer mais-valia informativa.

Há ganhos na transparência da análise se as escolas forem organizadas considerando grupos criados com base na frequência de respostas. Espera-se com isto, permitir maior comparabilidade entre os dados. Ainda assim, esta divisão é fictícia, pelo que caberá ao leitor aceitá-la ou analisar os dados de outro modo.



Deste modo, os 3 grupos foram estruturados pelo número de respostas, conforme se segue:

Grupo I – (superior a 200 respostas) Distritos de Porto e Lisboa;

Grupo II – (entre 85 a 199 respostas) Distritos de Braga, Coimbra e Viseu;

Grupo III – (inferior a 85 respostas) Restantes distritos.

Nesta análise não foram aplicados testes de significância estatística das diferenças encontradas e a leitura desta informação deve ter isso em conta.

Neste enquadramento confirma-se que o distrito em que os enfermeiros se formam origina variações no acesso à profissão, principalmente quando se comparam escolas do Sul com escolas sediadas em distritos do Norte, confirmando os dados apresentados anteriormente com a distribuição por Secção Regional.

No Grupo I, encontra-se uma diferença percentual de 25,76% no que respeita à comparação da empregabilidade dos enfermeiros formados nas escolas do distrito de Lisboa (94,79% a exercer a profissão) e as escolas do distrito do Porto (69,02% a exercer a profissão).

São também os enfermeiros formados nas escolas do distrito do Porto que em maior percentagem (6,67%) exercem outras profissões, comparativamente com os enfermeiros formados no distrito de Lisboa (2,01%).

Considerando os valores referidos, são os enfermeiros formados no distrito do Porto que têm maior taxa de enfermeiros sem actividade profissional, o que reforça os valores encontrados na comparação das percentagens de emprego entre as Secções Regionais (ver gráfico anterior).

No Grupo II, a menor percentagem de enfermeiros a exercer formaram-se no distrito de Braga (69,01%), seguido por Viseu (74,42%) e Coimbra apresenta o melhor resultado (80,58%). Neste grupo, a diferença entre o distrito de formação com menor percentagem de enfermeiros a exercer a profissão e o distrito com maior percentagem é de 11,57%.

São os enfermeiros formados no distrito de Viseu que em maior percentagem exercem outra profissão (8,14%) e são os formados nos distritos de Bragança e Braga que em maior percentagem não exercem qualquer actividade profissional (23,44% e 24,56%, respectivamente).

No Grupo III encontram-se diferenças na percentagem de enfermeiros que exercem a profissão que variam entre os 33,3% de enfermeiros formados no estrangeiro, até aos 100% dos formados nas escolas do distrito de Setúbal. Os dados relativos a este grupo devem ser analisados com

Há diferenças de empregabilidade entre as Escolas de Enfermagem, mediante o local onde estas estão sediadas.



SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS ENFERMEIROS EM PORTUGAL - 2011

cuidado acrescido, pois o número de respostas é relativamente pequeno.

Se se optar por esquecer esta divisão fictícia, esta tabela permite identificar que os enfermeiros formados nos distritos de Setúbal, Santarém e Évora têm as melhores percentagens de empregabilidade. Os enfermeiros formados no estrangeiro, na RA da Madeira e no distrito do Porto têm as piores percentagens de empregabilidade.

Entre os enfermeiros em exercício formados no distrito do Porto e de Lisboa, há uma variação de 25,76%, em benefício dos enfermeiros formados em Lisboa.

Por sua vez são os enfermeiros formados na RA da Madeira que em maior percentagem não exercem qualquer actividade e são os formados no distrito de Viana do Castelo que exercem em maior percentagem outras profissões. Para outras comparações, consulte a tabela seguinte.

	<i>A exercer como enfermeiro (%)</i>	<i>Sem actividade (%)</i>	<i>A exercer outra Profissão (%)</i>	<i>Frequência total</i>
<i>Porto</i>	69,02	24,31	6,67	255
<i>Lisboa</i>	94,78	3,21	2,01	249
<i>Braga</i>	69,1	24,56	6,34	110
<i>Coimbra</i>	80,58	17,48	1,94	103
<i>Viseu</i>	74,42	17,44	8,14	86
<i>Bragança</i>	73,44	23,44	3,12	64
<i>RA Açores</i>	75,51	20,41	4,08	49
<i>Leiria</i>	87,23	8,51	4,26	47
<i>Aveiro</i>	69,56	21,74	8,7	46
<i>Santarém</i>	97,73	0	2,27	44
<i>Viana do Castelo</i>	76,74	11,63	11,63	43
<i>Setúbal</i>	100	0	0	40
<i>Faro</i>	88,89	8,33	2,78	36
<i>Portalegre</i>	88,89	8,33	2,78	36
<i>Vila Real</i>	73,53	17,65	8,82	34
<i>Évora</i>	96,55	0	3,45	29
<i>Guarda</i>	72,41	17,24	10,35	29
<i>RA Madeira</i>	62,07	31,03	6,9	29
<i>Beja</i>	91,67	8,33	0	24
<i>Castelo Branco</i>	80	10	10	20
<i>Fora de Portugal</i>	33,33	50	16,67	6

Tabela 13 – Distribuição do número de enfermeiros por distrito de formação e distribuição em percentagem da respectiva situação profissional.

Condições laborais

Entre os enfermeiros que estão a exercer a profissão, dentro e fora de Portugal, verifica-se que o vínculo contratual distribui-se do seguinte modo: contrato a termo certo (CTC) para 22,8%, contrato sem termo (CST) para 31,4%; contratos de prestação de serviços (PS) 18,7%.



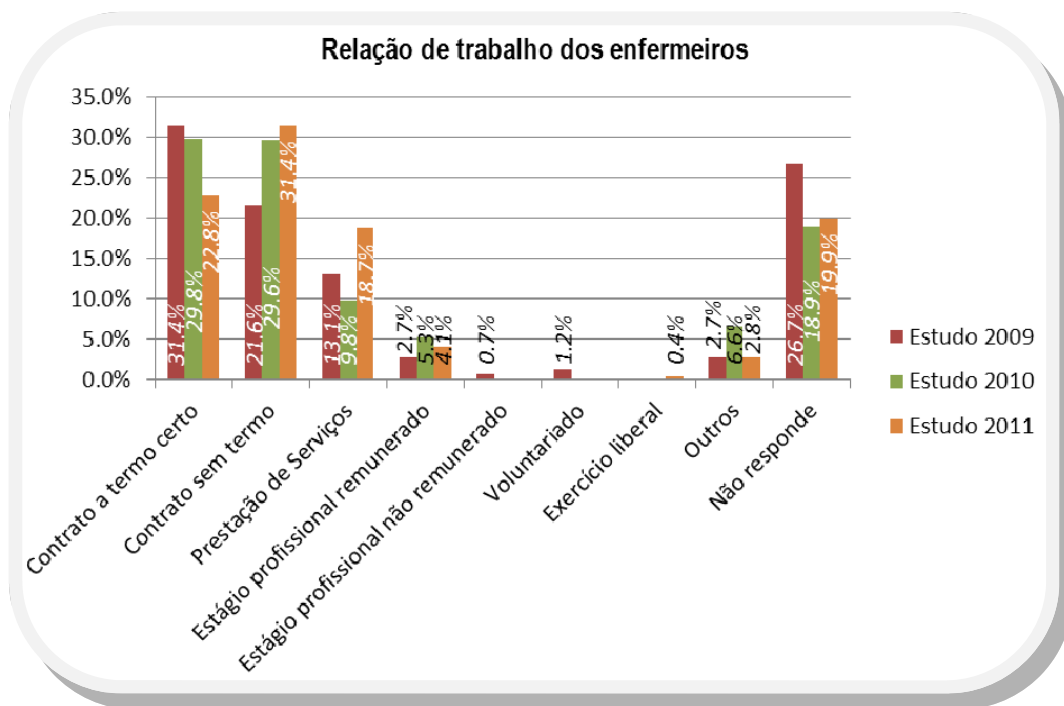
Existem 4,1% de enfermeiros em estágio profissional remunerado (EPR) e os 19,9% que não estão a exercer a profissão.

A comparação com os estudos anteriores (ver gráfico 14) permite observar houve uma diminuição da percentagem de contratos a termo certo (CTC), bem como o aumento das percentagens de contratos sem termo (CST) e de contratos de prestação de serviços (PS - vulgo recibos verdes).

Estes dados permitem identificar que 45,6% dos enfermeiros que responderam a este estudo têm vínculos precários (soma de CTC, PS e EPR). A comparação com o estudo de 2009 (47,2%) e com o estudo de 2010 (44,9%) demonstra alguma estabilidade à volta destes valores.

Isto significa que a somar aos enfermeiros que não exercem a profissão (19,94%), existem 45,6% de enfermeiros com contratos que podem terminar a curto prazo e sem estabilidade profissional. Isto corresponde a 65,54% de jovens enfermeiros formados nos anos 2008, 2009 e 2010 que, ou estão desempregados ou estão em situação precária.

A projecção para os dados gerais, utilizando o número de inscrições reais na OE em 2008, 2009 e 2010 (11349 – ver tabela 1), permite estimar em 7438 o número de enfermeiros que estão sem emprego ou estão em condições precárias. Se o cálculo fosse realizado para um número de anos mais alargado, seria de esperar um aumento considerável deste valor, suportado principalmente pelo número de enfermeiros com contratos precários.



Há 65,54% de enfermeiros sem emprego ou com vínculo precário.

Gráfico 14 – Distribuição das respostas dos enfermeiros sobre a relação contratual que possuem.



SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS ENFERMEIROS EM PORTUGAL - 2011

A análise dos dados por Secção Regional revela que a maioria dos enfermeiros, independentemente da Secção, está desempregada ou em contrato precário. Este fenómeno é mais evidente na SR do Norte e do Centro, respectivamente com 78,42% e 74,59% de enfermeiros nesta situação. Apenas na SR do Sul a percentagem de enfermeiros desempregados e precários é inferior a metade da amostra (49,2%).

As Regiões Autónomas, em conjunto com a SR do Sul, apresentam as percentagens mais elevadas de contratos estáveis (contratos sem termo), todas acima de 40%. Simultaneamente, o desemprego e a precariedade mantêm-se elevados – SR do Sul (49,2%); SR da Madeira (53,84%); SR dos Açores (51,07%). Estes valores são calculados com base na soma da percentagem de enfermeiros sem emprego, com a percentagem de enfermeiros contratados a termo certo, em prestação de serviços (recibos verdes) e em estágio profissional.

Secção Regional	SR Norte	SR Centro	SR Sul	SR RA Madeira	SR RA Açores
Tipo de contrato					
Sem resposta	0,37% (2)	0	0,69% (3)	0	0
Sem emprego em Enfermagem	29,8% (163)	19,61% (61)	8,05% (32)	28,21% (11)	17,02% (8)
Contrato a termo certo	24,31% (133)	22,83% (71)	23,91% (104)	2,56% (1)	10,64% (5)
Contrato sem termo	19,2% (105)	27,33% (85)	47,36% (206)	46,15% (18)	40,43% (19)
Contrato de prestação de serviços (recibos verdes)	21,02% (115)	21,54% (67)	14,94% (65)	15,38% (6)	10,64% (5)
Estágio profissional remunerado	3,29% (18)	6,11% (19)	2,3% (10)	7,69% (3)	12,77% (6)
Exercício liberal	0,73% (4)	0	0,23% (1)	0	0
Total	547	311	435	39	47

Tabela 14 - Distribuição das respostas dos enfermeiros sobre a situação contratual que possuem, por Secção Regional.

A maior parte dos enfermeiros (82,16%) exerce apenas num local, sendo o duplo emprego minoritário.

Constata-se ao mesmo tempo que a maior parte dos enfermeiros inquiridos exerce apenas num local (82,16%), com 13,22% em acumulam um emprego a tempo inteiro com um emprego a tempo parcial. Existem 2,81% de enfermeiros que exercem em 2 locais a tempo parcial, sendo os restantes casos são residuais. Nenhum enfermeiro exerce em mais do que 3 locais em simultâneo nos enfermeiros que responderam a este estudo.

Apenas 0,45% exerce em dois locais a tempo completo (35 ou mais horas), embora uma percentagem ainda importante revele trabalhar algumas horas extra além do emprego principal –



13,22% e 0,82%, correspondendo respectivamente, a um ou dois empregos a tempo parcial além do emprego principal.

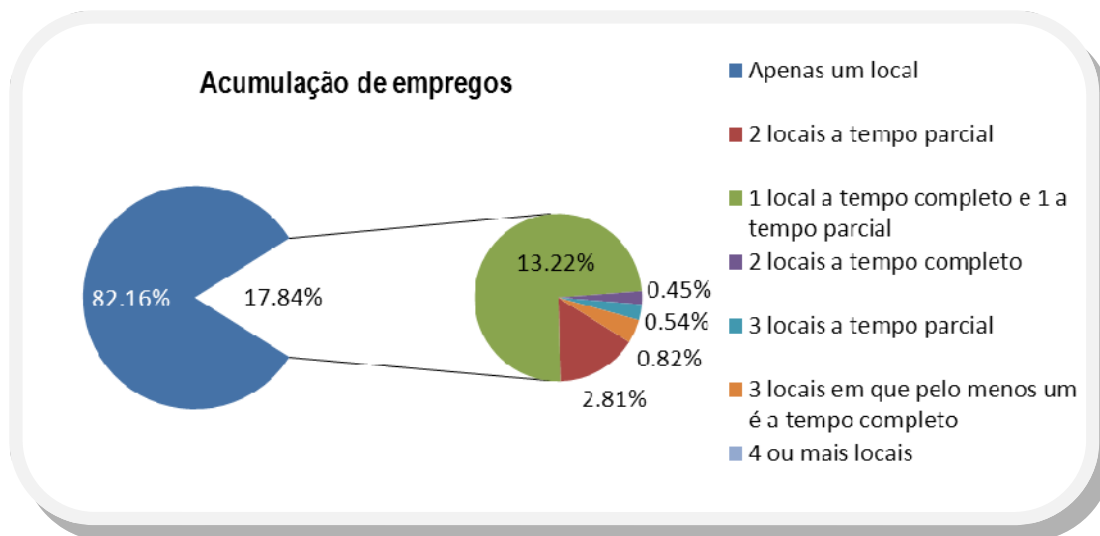


Gráfico 15 – Distribuição das respostas dos enfermeiros sobre a acumulação de emprego / actividades.

O horário de trabalho da maioria dos enfermeiros corresponde a 35 ou 40 horas semanais que, conjuntamente, somam 63,6% da amostra. A percentagem de enfermeiros com este horário tem sofrido reduções progressivas quando comparado com o estudo de 2009 (73%) e 2010 (69,1%).

Identifica-se no corrente estudo um aumento dos horários superiores a 40 horas (7,4%) e inferiores a 35 horas (9,1%) em relação ao estudo de 2010 (6,1% e 5,9% respectivamente).

No gráfico que se segue pode observar-se com maior detalhe as respostas recebidas em 2011 para este indicador.

A maioria dos enfermeiros trabalha entre 35 a 40 horas semanais.

Aumentou a percentagem que trabalha mais de 40 h, e menos de 35 h em relação ao estudo do ano passado.



Gráfico 16 – Distribuição, em percentagem, das respostas dos enfermeiros sobre o horário de trabalho que praticam.



14% dos enfermeiros já exerceram de forma gratuita.

Há um número significativo de enfermeiros (194, correspondendo a 14%) que já exerceram gratuitamente fora do âmbito académico. Isto significa que são propostos aos enfermeiros, pelas instituições, períodos de exercício profissional gratuito. O estudo não permite caracterizar este exercício gratuito, nomeadamente a frequência com que ocorreu, o número de horas semanais que implicou, o tipo de relação estabelecida com o cliente / entidade ou se estes períodos eram apresentados como necessários para a realização de um contrato por instituições de saúde. Não é igualmente possível identificar se este fenómeno corresponde a acções de voluntariado.

Em termos percentuais, este fenómeno é mais evidente nos Açores (23,68% da amostra regional), seguido da Madeira (17,95%), do Centro (16,75%) e do Norte (15,75%). Se considerarmos o número de enfermeiros nesta situação, é a SR Norte onde mais enfermeiros passaram por esta situação (81).

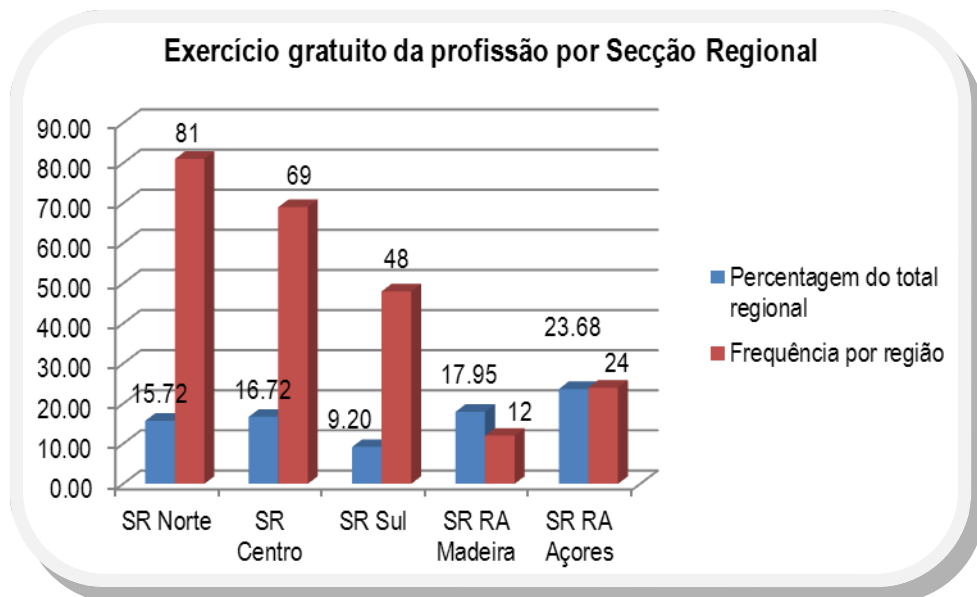


Gráfico 17 – Distribuição, em percentagem e frequência, dos enfermeiros que já exerceram de forma gratuita.

Estágios profissionais

Os estágios profissionais são, actualmente, uma realidade no acesso dos enfermeiros ao primeiro desempenho profissional. Na amostra recolhida em 2011, verifica-se que 17% dos enfermeiros da nossa amostra já realizou ou está a realizar um estágio profissional, sendo que há um aumento



significativo face a 2010, em que a percentagem se encontrava nos 10%. À data da realização do estudo, 4,1% encontrava-se a realizar estágio profissional, percentagem inferior ao do período homólogo de 2010, que rondavam os 5,3% dos inquiridos (ver Gráfico 18).

A evolução crescente do número e frequência de enfermeiros em estágio profissional foi significativa, mesmo considerando a legislação publicada que exclui os enfermeiros dos estágios profissionais apoiados pelo Estado.

O estudo em 2009 identificou 77 enfermeiros (10,5% da amostra) que já tinham exercido ou estavam a exercer um estágio profissional. O estudo de 2010 elevou o número de enfermeiros nesta situação para 136 e a percentagem para 14,4%. O estudo deste ano eleva ainda mais estes números, subindo a frequência para 236 e a percentagem para 17%.

Esta evolução pode ser identificada no gráfico seguinte.

Há um aumento progressivo e constante da percentagem de enfermeiros que exerce ou já exerceu em estágio profissional.

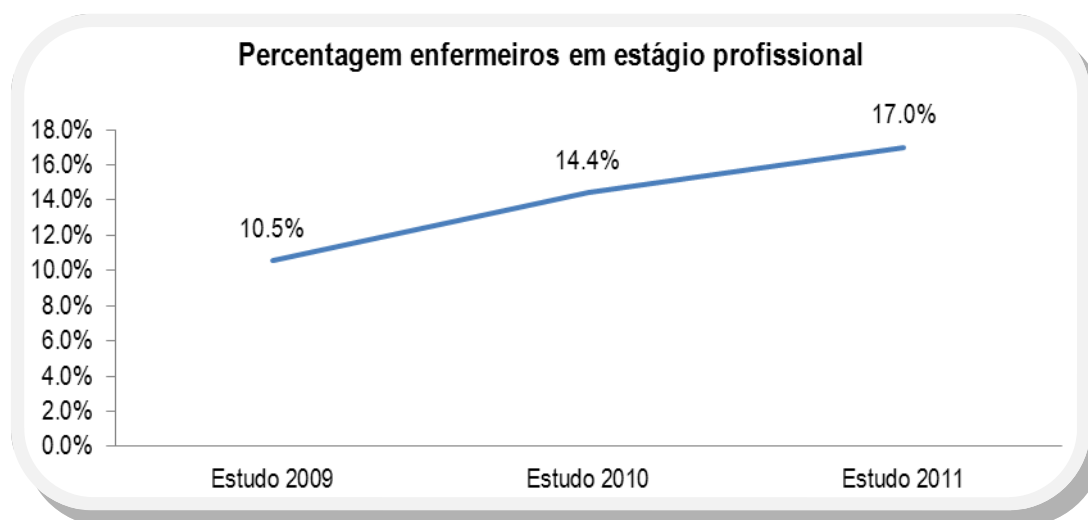


Gráfico 18 – Evolução, em percentagem, dos enfermeiros que exercem ou já exerceram em estágio profissional—comparação dos estudos de 2009, 2010 e 2011.

A análise por Secção Regional revela uma predominância de estágios profissionais na SR dos Açores. Nesta Secção pode verificar-se que um em cada dois enfermeiros exercem ou já exerceram em estágio profissional.

Em Portugal Continental é a SR do Centro onde uma maior percentagem de enfermeiros passa ou já passou por esta experiência, correspondendo a 22,51% das respostas.

Os dados demonstram que existem enfermeiros a participar em estágios não remunerados. Do



SITUAÇÃO PROFISSIONAL DOS JOVENS ENFERMEIROS EM PORTUGAL - 2011

total de 236 enfermeiros que desenvolveram actividade em estágios profissionais, 15% (36) não foram remunerados. Este é, aliás, um dos factores que justifica a recusa de propostas de trabalho, conforme demonstrado anteriormente neste estudo.

Os dados demonstram que o maior número de estágios não remunerados (50%) ocorreu na zona Norte, seguido das zonas Centro (22,2%), Sul (13,9%), Madeira (11,1%) e Açores (2,8%).

	SR Norte	SR Centro	SR Sul	SR RA Madeira	SR RA Açores	Total Nacional
<i>Exerce ou já exerceu em estágio profissional?</i>						
Sim	14,81% (81)	22,51% (70)	11,26% (49)	33,33% (13)	48,94% (23)	17% (236)
Não	85,19% (466)	77,49% (241)	88,74% (386)	66,67% (26)	51,06% (24)	83% (1142)
<i>Remuneração do estágio profissional</i>						
Remunerado	77,78% (63)	88,57% (62)	89,8% (44)	69,23% (9)	95,65% (22)	84,75% (200)
Não remunerado	22,22% (18)	11,43% (8)	10,2% (5)	30,77% (4)	4,35% (1)	15,25% (36)

Tabela 15 – Distribuição, em percentagem e frequência, dos enfermeiros que exercem ou já exerceram em estágio profissional e da existência de remuneração, por Secção Regional e total nacional.

Os estágios profissionais possuem diversa legislação publicada no que concerne à regulação do seu funcionamento pelo Estado. O Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP) estabelece condições para os estágios profissionais, nomeadamente em relação à tutoria, à definição de objectivos e ao planeamento da formação. Os enfermeiros foram inquiridos sobre o cumprimento destas condições.

21,6% dos estágios decorreram sem tutor.

No que respeita à orientação / presença de tutor nos estágios profissionais, 21,6% dos enfermeiros afirmou que os estágios decorreram sem esta figura, o que significou que os enfermeiros desempenharam funções sem tutoria, ou seja, do mesmo modo que o fariam se fossem contratados como enfermeiros em vez de estagiários.

Quando foram identificados tutores para orientar os estágios profissionais, 67,8% eram enfermeiros, enquanto 11% dos estágios desenvolvidos com tutela foram realizados sob alçada de tutores de outra profissão.

Na zona Norte e Centro, 35,2% dos estágios decorreram sem tutor. A Madeira foi o local do País onde tal situação apenas se verificou uma vez. Na zona Norte, encontra-se a maior percentagem



(38,5%) de tutores não enfermeiros a realizar estágios profissionais de Enfermagem.

A definição de objectivos no início do estágio verificou-se em 65,5% dos casos. A não definição de objectivos ou o não conhecimento dos mesmos é mais acentuada na zona Norte, com 11,8% dos estágios, seguida da zona Centro (11,4%).

A existência e cumprimento de um plano de formação integrado no estágio foi uma realidade em 35,4% dos casos. Em 2% dos casos existiu um plano de formação definido mas que não foi cumprido. Os dados demonstram que cerca de 45% dos estágios decorre sem formação incluída no mesmo. Em 15,2% dos estágios profissionais, não estava definido plano de formação, mas incluiu momentos com esse intuito nas horas de estágio.

A evolução desde o estudo de 2009 até ao estudo do corrente ano demonstra um agravamento dos indicadores de desregulação dos estágios profissionais. A tabela seguinte revela uma diminuição de 83% no estudo de 2009 para 66% no corrente ano de estágios profissionais com objectivos definidos. Aponta ainda para a diminuição de 85% (no estudo de 2009) para 68% (no estudo de 2011) de estágios com enfermeiros como tutores. Demonstra igualmente, um aumento de estágios sem formação (de 33% para 46%) e redução dos estágios com planos de formação definidos (de 54% para 32%).

Há um agravamento dos indicadores de desregulação dos estágios profissionais.

Importa referir que se identificam ligeiras melhorias entre os valores do estudo de 2010 e o estudo de 2011, no que respeita aos indicadores relativos à tutoria e definição de um plano de formação.

<i>Caracterização Estágios Profissionais</i>	Estudo 2009	Estudo 2010	Estudo 2011
Objectivos do estágio			
<i>Definidos</i>	83%	68%	66%
<i>Não Definidos</i>	17%	32%	34%
Tutoria			
<i>Enfermeiro</i>	85%	62%	68%
<i>Outro profissional</i>	5%	11%	11%
<i>Sem tutoria</i>	10%	27%	22%
Plano de formação			
<i>Plano de formação definido e cumprido</i>	54%	32%	37%
<i>Plano de formação definido mas não cumprido</i>	3%	1%	2%
<i>Sem plano de formação mas com formação incluída</i>	9%	21%	16%
<i>Sem formação</i>	33%	46%	46%

Tabela 16 – Evolução, em percentagem, dos indicadores que caracterizam os estágios profissionais entre os estudos de 2009, 2010 e 2011.



Percepções dos jovens enfermeiros

O acesso ao emprego origina situações de pressão para os enfermeiros. O contexto socioeconómico que o País e a profissão atravessam cria as condições de pressão necessárias para a ocorrência de situações que podem ser percebidas como desagradáveis ou desmotivantes pelos enfermeiros.

42% dos enfermeiros sentiram-se discriminados, ou viram a sua dignidade profissional afectada no acesso ao emprego.

São 42% dos enfermeiros, correspondendo a 586 dos respondentes que referiram ter-se sentido discriminados ou de algum modo viram a sua dignidade afectada enquanto procuravam emprego.

O crescimento exponencial desta percepção entre o estudo de 2009 e o do corrente ano é visível no gráfico seguinte. No estudo de 2009, 26% dos enfermeiros sentiam-se discriminados ou com a dignidade afectada na procura de emprego. O estudo de 2010 já identificou 34% de enfermeiros nesta situação e neste estudo de 2011 a percentagem situa-se nos 42%, já bem perto de metade da amostra.

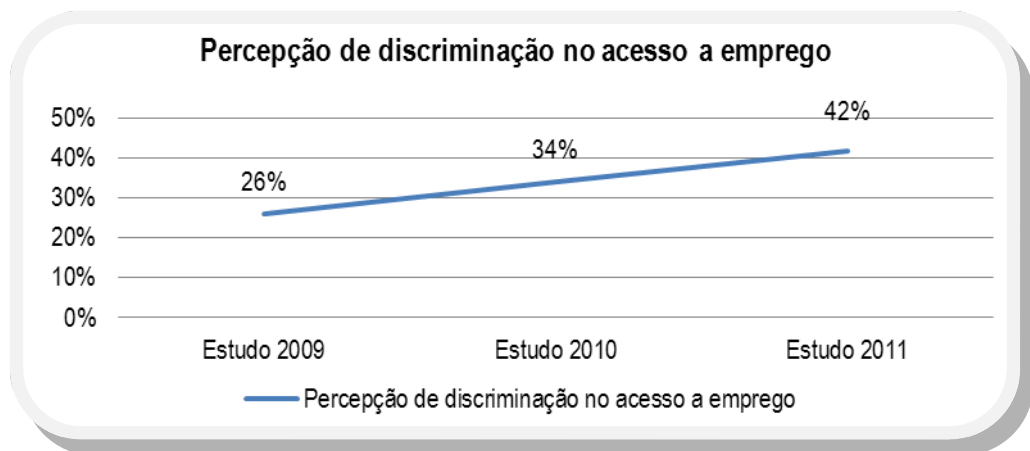


Gráfico 19 – Evolução, em percentagem, dos enfermeiros com percepção de discriminação ou sentimento de dignidade profissional afectada na procura de emprego, identificados nos estudos de 2009, 2010 e 2011.

À semelhança de anos anteriores analisou-se a percepção dos jovens enfermeiros sobre a profissão, em especial a intenção de abandono do exercício.

A situação de instabilidade que o País atravessa em termos de empregabilidade e que, inevitavelmente, se alastra à área da saúde, alia-se a um conjunto de dificuldades no exercício profissional dos enfermeiros que os levam a ponderar o abandono da profissão.

Embora não esteja em análise os factores que pesam no processo de reflexão sobre o abandono



da profissão, este estudo fornece a percentagem de enfermeiros com intenção de abandonar o exercício. Assim, quando se questionam os enfermeiros recém-formados sobre a intenção de abandonar a profissão, quase 40% respondeu afirmativamente neste estudo.

À semelhança do estudo elaborado em 2010, a intenção de abandono mantém-se em valores preocupantes, apesar de ter ocorrido um ligeiro decréscimo comparativamente com o ano anterior. O estudo de 2010 revelou que cerca de 41,5% dos enfermeiros ponderavam ou já tinham ponderado abandonar a profissão.

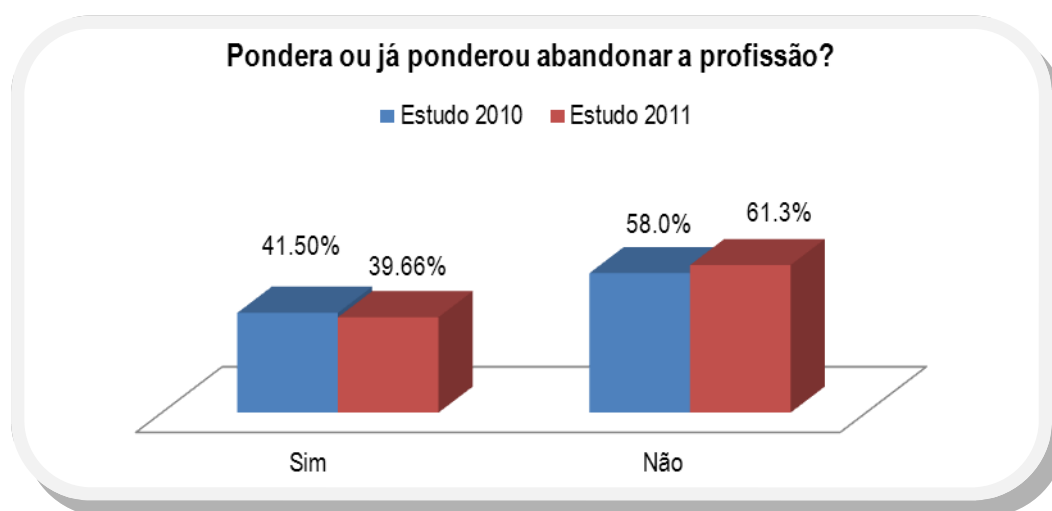


Gráfico 20 – Distribuição, em percentagem, dos enfermeiros que indicam ponderar ou já ter ponderado abandonar a profissão.

39,66% dos enfermeiros pondera ou já ponderou abandonar a profissão.

A análise por secção regional, revela que é no Norte que maior percentagem de enfermeiros pondera abandonar a profissão, atingindo quase os 50% das respostas. A relação entre este dado e o facto de ser esta a Secção com maior percentagem de enfermeiros sem actividade não pode ser ignorado.

Por sua vez, é a Secção Regional dos Açores que apresenta valores mais baixos (27,7%) na percentagem de enfermeiros recém-formados que pondera abandonar a profissão.

	SR Norte	SR Centro	SR Sul	SR RA Madeira	SR RA Açores
Sim	48,1%	39,5%	31,3%	30,8%	27,7%
Não	51,9%	60,5%	68,7%	69,2%	72,3%

Tabela 17 - Distribuição percentual dos enfermeiros que pondera ou já ponderou abandonar a profissão por Secção Regional.



CONCLUSÃO

O estudo sobre a Situação Profissional dos Jovens Enfermeiros em Portugal – 2011 representou a terceira edição deste instrumento de monitorização. O número de participantes tem vindo a crescer, sendo que o número de respondentes deste estudo cresceu 45,62% em relação ao estudo do ano passado e 88,90% em relação ao estudo de 2009.

No estudo de 2011, identificamos os seguintes dados-chave, organizados em três ideias principais:

Maior número de enfermeiros sem emprego e maior período temporal para acesso à profissão

- Há 19,91% de enfermeiros sem emprego, o que equivale a um aumento de 1,2% em relação ao estudo do ano passado (18,7%);
- Dos enfermeiros sem emprego, 15,01% não têm qualquer actividade profissional e 4,9% estão a exercer outra profissão;
- A falta de emprego atinge principalmente o Norte do País (59%) e menos o Sul (7,7%)
- A maioria dos enfermeiros sem emprego em Enfermagem (70%) nunca teve uma proposta de emprego nesta área;
- Os enfermeiros formados nos distritos de Setúbal, Santarém e Évora têm as melhores percentagens de empregabilidade. Os enfermeiros formados no estrangeiro, na RA da Madeira e no distrito do Porto têm as piores percentagens de empregabilidade;
- O distrito de Lisboa absorve a maior percentagem de enfermeiros (30,2%), seguido do Porto (12,5%) e do estrangeiro (9,6%);
- A maioria dos enfermeiros a exercer demorou entre 3 meses a um ano a encontrar emprego.

A emigração continua a ser uma solução para um número relevante de jovens

- Houve um aumento do número de enfermeiros a emigrar, mas um decréscimo da percentagem em relação ao estudo do ano passado - de 10,4% para 7,7%;
- A projecção para a generalidade dos enfermeiros formados em 2008, 2009 e 2010 permite calcular um total de 873 enfermeiros que saíram do País à procura de outras oportunidades;
- Os países de eleição para a emigração dos jovens enfermeiros são: Espanha; Inglaterra; Suíça; França; Canadá.



A precariedade começa a generalizar-se para os jovens enfermeiros:

- 65,51% dos enfermeiros que responderam a este estudo estão sem emprego ou estão em condições precárias;
- A estimativa do número de enfermeiros formados em 2008, 2009 e 2010 que ou estão sem emprego ou estão em condições precárias, ronda os 7438 enfermeiros;
- 45,6% dos enfermeiros têm um vínculo laboral precário; 22,8% dos enfermeiros trabalham com contratos a termo certo; 18,7% em regime de prestação de serviços (vulgo recibos verdes) e 4,1% está em estágio profissional remunerado;
- Nos jovens enfermeiros praticamente não existe exercício em duplo emprego, com 82% dos enfermeiros a referir exercer apenas num local;
- Apenas 0,45% exerce em dois locais a tempo completo (35 ou mais horas), embora uma percentagem ainda importante revele trabalhar algumas horas extra além do seu emprego principal – 13,22% e 0,82%, correspondendo respectivamente a um ou dois empregos a tempo parcial além do emprego principal;
- Há cada vez mais enfermeiros que passam por estágios profissionais (17%) em programas cada vez mais desregulados;
- As instituições continuam a exigir experiência profissional e residência próximo da instituição como principais critérios de escolha;
- Há cada vez mais enfermeiros que se sentem discriminados ou sentem a sua dignidade profissional afectada enquanto procuram emprego, sendo já perto de metade dos inquiridos (42%);
- A intenção de abandono da profissão é sobreponível ao estudo do ano passado, correspondendo a 39,66% de enfermeiros que admite ponderar ou já ter ponderado essa opção.

Em nota final, os dados constantes neste estudo devem ser catalisadores de mudanças na política de formação em Enfermagem, na criação de planos estratégicos para os recursos humanos de saúde em Portugal e na implementação de boas práticas no recrutamento nacional de enfermeiros.



ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Inscrições na Ordem dos Enfermeiros entre 1/1/2006 e 31/12/2010, por Secção Regional.	9
Tabela 2 – Distribuição de resposta pela idade dos enfermeiros e por Secção Regional.	10
Tabela 3 – Distribuição de resposta pelo sexo dos enfermeiros e por Secção Regional.	11
Tabela 4 – Distribuição da frequência e percentagem de participantes nos 3 estudos já realizados.	12
Tabela 5 – Frequência e percentagem por distrito onde está situada a escola de formação.	13
Tabela 6 – Distribuição, em percentagem e frequência, de respostas sobre a situação profissional por ano de formação – dados estudo 2011.	20
Tabela 7 – Distribuição da percentagem de enfermeiros sem exercício profissional de enfermagem pelo último ano analisado em cada estudo.	21
Tabela 8 – Comparação entre os estudos de 2009, 2010 e 2011 da situação profissional dos participantes.	22
Tabela 9 – Distribuição da frequência e percentagem de enfermeiros a exercer no estrangeiro, nos estudos de 2009; 2010 e 2011.	25
Tabela 10 – Distribuição de enfermeiros a exercer no estrangeiro, pelos cinco países mais procurados pelos participantes no estudo. Comparação entre o estudo de 2010 e o de 2011.	25
Tabela 11 – Percentagem de enfermeiros que não exercem Enfermagem por SR e por estudo (comparação estudo 2010 e 2011).	26
Tabela 12 – Análise por Secção Regional (SR) da frequência e percentagem de enfermeiros pela situação profissional.	27
Tabela 13 – Distribuição do número de enfermeiros por distrito de formação e distribuição em percentagem da respectiva situação profissional.	30
Tabela 14 - Distribuição das respostas dos enfermeiros sobre a situação contratual que possuem, por Secção Regional.	32
Tabela 15 – Distribuição, em percentagem e frequência, dos enfermeiros que exercem ou já exerceram em estágio profissional e da existência de remuneração, por Secção Regional e total nacional.	36
Tabela 16 – Evolução, em percentagem, dos indicadores que caracterizam os estágios profissionais entre os estudos de 2009, 2010 e 2011.	37
Tabela 17 - Distribuição percentual dos enfermeiros que pondera ou já ponderou abandonar a profissão por Secção Regional	39



ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição, em frequência e percentagem, pelo ano de conclusão do curso de Enfermagem.	11
Gráfico 2 – Distribuição pelo Distrito / Região onde encontrou o primeiro emprego	14
Gráfico 3 – Distribuição por Distrito / Região onde encontrou o primeiro emprego – comparação do estudo de 2010 com o estudo de 2011.	15
Gráfico 4 – Percentagem de enfermeiros pelo tempo decorrente entre o fim do curso e o acesso ao primeiro emprego	16
Gráfico 5 – Percentagem de enfermeiros pelo tempo decorrente entre o fim do curso e o acesso ao primeiro emprego, por Secção Regional.	16
Gráfico 6 – Distribuição, em percentagem, de enfermeiros pelo tempo decorrente entre o fim do curso e o acesso ao primeiro emprego – comparação entre os estudos de 2009; 2010 e 2011	17
Gráfico 7 – Distribuição da frequência de respostas sobre as condições exigidas aos enfermeiros para o acesso à profissão além das requeridas por lei. Nota: Os participantes podiam escolher mais do que uma opção.	19
Gráfico 8 – Evolução da situação profissional entre os estudos de 2009, 2010 e 2011.	22
Gráfico 9 – Demonstrativo da frequência e percentagem de respostas sobre os motivos pelos quais os enfermeiros exercem outra profissão.	23
Gráfico 10 – Demonstrativo em frequência e percentagem das respostas à pergunta «Já teve alguma oferta de trabalho» colocada aos enfermeiros sem actividade profissional.	23
Gráfico 11 – Demonstrativo em frequência do motivo para recusar as ofertas de trabalho propostas aos enfermeiros sem actividade profissional, que responderam não as terem aceiteadas.	24
Gráfico 12 – Distribuição em percentagem da resposta sobre a situação profissional e país de exercício.	24
Gráfico 13 – Distribuição, em percentagem do total regional, dos enfermeiros que exercem a profissão comparativamente com o valor nacional.	28
Gráfico 14 – Distribuição das respostas dos enfermeiros sobre a situação contratual que possuem.	31
Gráfico 15 – Distribuição das respostas dos enfermeiros sobre a acumulação de empregos / actividades.	33
Gráfico 16 – Distribuição, em percentagem, das respostas dos enfermeiros sobre o horário de trabalho que praticam.	33
Gráfico 17 – Distribuição, em percentagem e frequência, dos enfermeiros que já exerceram de forma gratuita.	34
Gráfico 18 – Evolução, em percentagem, dos enfermeiros que exercem ou já exerceram em estágio profissional - comparação dos estudos de 2009, 2010 e 2011.	35
Gráfico 19 – Evolução, em percentagem, dos enfermeiros com percepção de discriminação ou sentimento de dignidade profissional afectada na procura de emprego, identificados nos estudos de 2009, 2010 e 2011.	38
Gráfico 20 – Distribuição, em percentagem, dos enfermeiros que indicam ponderar ou já ter ponderado abandonar a profissão.	39



Avenida Almirante Gago Coutinho, 75
1700—028 Lisboa

Telefone - 21 84 55 230
Fax - 21 84 55 259